



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA



VINICIUS DE MATOS VALENTE

“CRÓNICAS Y RELACIONES”:

Aspectos políticos da Confederação Asteca na Mesoamérica a partir da segunda *carta-relación* de Hernán Cortés destinada ao rei Carlos V (1519-1520)

Manaus – AM

2025

VINICIUS DE MATOS VALENTE

“CRÓNICAS Y RELACIONES”:

Aspectos políticos da Confederação Asteca na Mesoamérica a partir da segunda *carta-relación* de Hernán Cortés destinada ao rei Carlos V (1519-1520)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), como requisito para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Bastos de Souza.

Manaus – AM

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

V154c Valente, Vinícius de Matos
“Crónicas y Relaciones”: Aspectos políticos da Confederação Asteca na Mesoamérica a partir da segunda carta-relación de Hernán Cortés destinada ao rei Carlos V (1519-1520) / Vinícius de Matos Valente. - 2025. 58 f. : il., color. ; 31 cm.

Orientador(a): Thiago Bastos de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal do Amazonas, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Curso de História, Manaus, 2025.

1. Hernán Cortés. 2. Astecas. 3. América Colonial. 4. Carta-relación. 5. Probanza. I. Souza, Thiago Bastos de. II. Universidade Federal do Amazonas. Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais. Curso de História. III. Título

“Take the first step in faith. You don't have to see the whole staircase, just take the first step”.

– Martin Luther King Jr.

AGRADECIMENTOS

Ao meu falecido pai, Martinelle Alfaia Valente. Sua memória me fez criar forças para seguir, pois, sei que certamente se encheria de alegria por ver seu primeiro filho ser o primeiro da família a cursar uma faculdade, concluir o TCC e ser aprovado no Mestrado na maior Universidade da Amazônia.

Às mulheres que me criaram:

Minha mãe, Doriane Xisto de Matos, por me alfabetizar, me amar, me ouvir, me curar, vibrar cada conquista junto comigo e nunca desistir de mim.

Minha tia, Dorisnei Xisto de Matos, por ter acreditado em mim quando o mundo não parecia ter mais sentido.

Minha tia, Denise Xisto de Matos, por me mostrar que sonhos se realizam se a gente lutar muito e nunca desistir de nós mesmos.

Minha tia, Ana Tercia Alfaia Valente, por me ensinar que é sempre preciso se permitir (e que errar, acertar e aprender faz parte do processo).

Minha tia, Priscilla Alfaia Valente, que desde criança e mesmo após a partida do meu pai, nunca me desamparou e sempre demonstrou seu amor e interesse pela minha vida e pela dos meus irmãos.

Minha avó, Maria do Bom Socorro Alfaia Valente, por ter sido a primeira professora da família, e por ser o pilar, a rocha sólida, uma inspiração e o abrigo mais reconfortante que pude contar durante toda a minha vida.

Sem essas mulheres incríveis nada seria possível!

Por fim, ao meu orientador, o Prof. Dr. Thiago Bastos de Souza, por gentilmente aceitar me instruir, pela paciência, pelas vezes que me chamou atenção visando minha evolução acadêmica, pelos conselhos que mudaram minha forma de visualizar as coisas, pelas risadas, parceria, presença, atenção e por compartilhar comigo seu vasto conhecimento e interesse pelo tema que nos uniu, a História da América Colonial. Ele me ensinou que a carreira acadêmica não precisa ser solitária, e que pode ser muito mais satisfatória e prazerosa quando a gente se identifica com o nosso orientador e encontra nele uma fonte de inspiração.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar os aspectos políticos da Confederação Asteca de Tenochtitlán na Mesoamérica, a partir da representação conferida pelo conquistador espanhol Hernán Cortés por meio de sua segunda *carta-relación* destinada ao imperador do sacro império romano-germânico Carlos V, publicada pela primeira vez em Sevilha, no ano de 1522, após o ocaso da Tríplice Aliança Asteca. Além disso, pretende-se contextualizar a fonte, inserindo-a no sistema de correspondência colônia-metrópole, fortemente atravessado pela cultura da *probanza de mérito*, composto por cartas, crônicas e *relaciones*, estabelecido pela monarquia hispânica durante o século XVI, visando obter o controle sobre suas possessões no além-mar. Ademais, almeja-se discutir como a historiografia tradicional contribuiu para reforçar a imagem de Cortés enquanto superlativa aos povos *nahuas* por meio da figura do conquistador.

Palavras-chave: Hernán Cortés; Astecas; América Colonial; *Carta-relación*; *Probanza*.

ABSTRACT

This research aims to analyze the political aspects of the Aztec Confederation of Tenochtitlán in Mesoamerica, based on the representation given by the Spanish conqueror Hernán Cortés through his second carta-relación addressed to the Holy Roman Emperor Charles V, published for the first time in Seville in 1522, after the end of the Aztec Triple Alliance. In addition, it aims to contextualize the source, inserting it into the colony-metropolis correspondence system, strongly influenced by the culture of probanza de verdate, composed of letters, chronicles and relaciones, established by the Hispanic monarchy during the sixteenth century, aiming to obtain control over its overseas possessions. Furthermore, it aims to discuss how traditional historiography contributed to reinforcing the image of Cortés as a superlative to the Nahuatl peoples through the figure of the conqueror.

Keywords: Hernán Cortés; Aztecs; Colonial America; Relationship letter; Probanza.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: PINTURA QUE REPRESENTA O CONQUISTADOR ESPANHOL HERNÁN CORTÉS.....	20
FIGURA 2: FUNDAÇÃO DE TENOCHTITLÁN NO CÓDICE MENDONZA.	35
FIGURA 3: GUERREIROS MEXICAS NUMA EXPEDIÇÃO DE CONQUISTA NO CÓDICE FLORENTINO.	36
FIGURA 4: LAGO DE TEXCOCO NAS VÉSPERAS DA CONQUISTA.	38
FIGURA 5: MALINCHE INTERMEDIANDO O CONTATO ENTRE CORTÉS E OS TLAHTOHQUEH.	42
FIGURA 6: ENCONTRO DE MONTEZUMA E HERNÁN CORTÉS.....	43
FIGURA 7: EMISSÁRIOS DE MONTEZUMA PRESENTEIAM CORTÉS.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. ASPECTOS BIOGRÁFICOS DO CONQUISTADOR	11
1.1. Hernán Cortés (1485-1547)	11
2. “CRÔNICAS Y RELACIONES”: DEFINIÇÕES E DISCUSSÕES TEÓRICO- HISTORIOGRÁFICAS.....	21
2.1. Um conceito flutuante: da crônica medieval à <i>carta-relación</i> de Hernán Cortés .	21
2.1. As cinco cartas endereçadas ao imperador Carlos V	28
3. SERES POLÍTICOS: OS NAHUAS ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A REPRESENTAÇÃO	31
3.1. Sinopse histórica sobre a Confederação Asteca	31
3.2. A historiografia sobre a conquista de Tenochtitlán	38
3.3. Análise dos aspectos políticos a partir da Segunda Carta de Cortés	48
4. CONCLUSÃO.....	54
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem o fito de analisar as representações dos aspectos políticos da confederação asteca a partir da segunda *carta-relación* redigida pelo conquistador espanhol Hernán Cortés (1485-1547) em 1520, em meio ao contexto de conquista e colonização da América Espanhola, e destinada ao imperador do Sacro Império Romano-Germânico e rei da Espanha, Carlos V (r. 1516-1556). Nesse sentido, a pesquisa está alicerçada na investigação qualitativa por meio de um dos tipos de escrituras mais produzidos pelos conquistadores durante o contexto de efetivação da conquista europeia sobre o continente americano a partir do final do século XV, as *cartas-relaciones* (Mignolo, 1982). Assim, é válido ressaltar que, embora a carta seja datada em 30 de outubro de 1520, a temporalidade estudada compreenderá os acontecimentos ocorridos entre os anos de 1519 e 1520, período que abarca desde o primeiro contato entre os espanhóis e os astecas até o ocaso da confederação asteca. E no âmbito da dimensão espacial, será abordada por esta pesquisa a Mesoamérica (atual região do México) e o Caribe.

Neste cenário, no início do século XVI, ocorria nas “Índias” – local onde Cristóvão Colombo (1451-1506) acreditava e afirmava ter chegado, em 1492, por meio de seu “Diário de navegação” destinado aos Reis Católicos, Isabel I de Castela (r. 1474-1504) e Don Fernando II de Aragão (r. 1479-1516) –, um violento processo de incursão europeia visando a ocupação das terras e subjugação de povos indígenas em nome da Coroa de Castela que ficou conhecido como conquista da América Espanhola (Elliott, 2004). Durante esse processo, conquistadores como Cortés e Colombo redigiram *cartas-relaciones* – escrituras que relatam seus feitos na forma de provações dirigidas à Coroa espanhola – para informar aos monarcas espanhóis sobre as terras descobertas, seus recursos naturais, assim como, sobre os humanos contatados (Mignolo, 1982).

A Confederação Asteca designava um sistema de organização sócio-político indígena composto pela chamada Tríplice Aliança, entre os *tlatoani*¹ das cidades de Tlacopán, Texcoco e Tenochtitlán, sendo, principalmente esta última a mais influente e poderosa, chefiada pelo poderoso imperador Moctezuma II Xocoyotzin (r. 1502-1520). Além da língua *nahuatl*, as cidades aliadas possuíam em comum sua base econômica, que provinha da tributação dos povos anexados, dependentes e conquistados na Mesoamérica, mas também, praticavam a subsistência por meio da agricultura, desenvolvendo sofisticados sistemas de irrigação, arquitetura em pedra, assim como, possuíam uma clara estratificação social (Escalante Gonzalbo, 2011).

¹ O termo significa “aquele que fala” e era utilizado para se referir às lideranças indígenas dos astecas.

Nesse contexto de conquista das terras alcançadas pelos espanhóis durante a chamada “Era dos Descobrimentos”, Cortés, partindo da ilha de Cuba em 1519, destaca-se por suas expedições responsáveis por estabelecer o primeiro contato entre os povos ibéricos e a civilização asteca. Esses episódios foram marcados por batalhas violentas envolvendo de um lado, guerreiros astecas e de outro, guerreiros espanhóis e aliados indígenas pertencentes à povos subjugados pelos astecas, o que resultou, em 1520, na morte de seu governante e na destruição da estrutura política, social, econômica, religiosa e cultural de sua complexa sociedade indígena (Elliott, 2004).

Partindo de uma análise interpretativa das representações por meio de fonte escrita, esta pesquisa científica se insere no campo da História Cultural. Sobre esse campo historiográfico, o historiador francês Roger Chartier (2002) a partir de sua obra *À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude*, afirma que os discursos de poder enquanto representação, sobretudo relativos à monarquia europeia foi responsável por moldar as relações sociais e garantir o privilégio de narrativas aliados e favoráveis às causas monárquicas em detrimento dos demais sujeitos e grupos existentes no bojo destas sociedades do Antigo Regime.

Aos astecas, a sofisticada sociedade indígena subjugada e conquistada pelos espanhóis e guerreiros indígenas liderados por Hernán Cortés, atribuiu-se função acessória e sucinta na historiografia da conquista da América Espanhola, em que foram exaltadas as características e virtudes do colonizador em planejar estrategicamente a conquista e desbravar o Novo Mundo como um aventureiro (Restall, 2006) em detrimento da valorização ou evidenciação dos aspectos culturais, sociais, políticos, econômicos ou epistemológicos relativos às sociedades indígenas habitantes das Américas antes da chegada dos homens do Velho Mundo.

1. ASPECTOS BIOGRÁFICOS DO CONQUISTADOR

1.1. Hernán Cortés (1485-1547)

Hernán Cortés, nascido na cidade de Medellín, localizada na atual região de Extremadura, na Espanha, foi durante muitos anos um emblema remetente à conquista da América Espanhola e, conseqüentemente, um dos grandes heróis da história ocidental consagrados pela historiografia tradicional² em razão da atribuição total do mérito pela conquista dos povos nativos da Mesoamérica, e, sobretudo, pelo ocaso da Confederação Asteca de Tenochtitlán, onde está localizada atualmente a cidade do México. Os acontecimentos específicos relativos à conquista de Tenochtitlán serão discorridos com maior ênfase nos

² Ver subcapítulo 3.2.

capítulos seguintes, visto que neste subcapítulo, o objetivo central é compreender desde o contexto histórico em que Cortés se insere, até a forma como, ora as circunstâncias, ora as suas próprias ações são cruciais para o desenrolar dos processos mecânicos que produziram a história que foi contada sobre o seu arco de conquista, evidenciando contradições, aspirações e principais informações pertinentes à construção histórica e historiográfica de Hernán Cortés.

De fato, são diminutas as informações relativas à infância, juventude e demais momentos anteriores à sua chegada ao Novo Mundo. É em resposta a esta ausência que, seus primeiros biógrafos qualificam Cortés como um homem que descende da nobreza hispânica. Entretanto, essa estratégia representa uma tentativa de recomposição baseada numa tendência literária que recorre ao enobrecimento das origens de personagens diante do desconhecimento em decorrência da inexistência ou acesso limitado a fontes que informem corretamente essas origens (Mira Caballos, 2021, p. 10). A verdade, todavia, é um pouco mais modesta. Hernán Cortés foi filho de Don Martín Cortés de Monroy e Dona³ Catalina Pizarro Altamirano, e “*criose tan enfermo que estuvo a punto de morir y que lo salvó su ama de leche, María de Esteban, vecina de Oliva, y una devoción al apóstol san Pedro. embora tenham sido representados por homens como Lucio Marineo Sículo*” (Martínez, 1190, p. 111. Embora tenham sido representados por Lucio Marineo Sículo, seu primeiro biógrafo, enquanto pessoas socialmente distintas advindas de Roma, na realidade, ambos teriam habitado a atual região da Extremadura, onde sua verdadeira posição social comprovadamente se assentou na fidalguia⁴, isso representaria que sua família, efetivamente, não desfrutava de grandes riquezas ou muitas propriedades, apenas de uma posição social favorável (Mira Caballos, 2021, p. 10-12). À guisa de exemplo, os fragmentos a seguir apresentam dados quantitativos interessantes sobre como contexto histórico, questões de renda e posses relativos aos pais do conquistador:

Las rentas familiares fueron suficientes para llevar una vida digna y acorde con su estatus social. Lo que ocurría es que en el arruinado Medellín de finales de la Edad Media las carestías debieron estar bastante generalizadas, primero por la guerra de Sucesión y, acto seguido, por el esfuerzo que supuso la reconquista de Granada [...] En otro documento encontramos que doña Catalina Pizarro, madre de Hernán Cortés, poseía algo más de 29 vacas de hierba [...] Martín Cortés de Monroy disponía de unas rentas anuales superiores a los 30 000 maravedís [...] La situación para Martín Cortés y Catalina Pizarro mejoró desde que, en 1522, llegara a España su sobrino Juan de Ribera, secretario de su hijo, con ciertos caudales para ellos (Mira Caballos, 2021, p. 21-23).

³ Dona, conforme afirma Restall (2004, p. 127), é um termo que designa mulheres da nobreza – o contexto abordado por Restall é a denominação de Dona Marina concedida aos espanhóis à *Malintzin* (ver subcapítulo 3.2). Por extensão, o termo Don é utilizado para seus exemplares masculinos.

⁴ De acordo com a Enciclopédia Barsa Universal (2007, p. 2489), a definição de fidalguia remete à uma qualidade herdada de antepassados ou que o rei concede para premiar méritos ou serviços prestados ao Estado.

Por conseguinte, outra dimensão imprescindível a ser considerada ao elencar os principais aspectos biográficos de Hernán Cortés é a carga de conhecimentos gramaticais que possibilitou a escrita de suas cinco *cartas-relaciones*, tanto do ponto de vista da quantidade de conteúdos representados mediante o registro escrito, quanto do ponto de vista da qualidade de articulação comunicativa efetiva caracterizada pelos usos estratégicos de determinados elementos textuais presentes em suas cartas, como conectivos, retórica, coesão e coerência.

[...] *la prosa más suelta y el ritmo más castellano de la frase, que se ha señalado para la narración, seguramente se debe al hecho de que Cortés no disponía de ningún texto anterior al cual seguir. No obstante, el cuidadoso entretejido de la narración nos sugiere, una vez más, el buen uso que Cortés sabía hacer de su aprendizaje y dominio de la actividad verbal. Una detenida lectura de las cartas nos muestra que Cortés (sin entrar en un minucioso análisis retórico de su composición) se esforzaba por no dejar «cabos sueltos», ni en los párrafos ni en la totalidad de las cartas: del párrafo a la carta, y de una carta a las anteriores, siempre encontramos las indicaciones necesarias para no perdernos en la organización de lo narrado: la materia (podríamos arriesgar haciendo uso de la terminología retórica) es cuidadosamente controlada por la res; y a ello sirven los diversos niveles de la dispositio* (Mignolo, 1982, p. 67).

Assim, no quesito da formação educacional de Hernán Cortés, diversos autores recorrem à formação acadêmica que o conquistador teve na *Universidad de Salamanca* como ponto de partida para a aquisição de conhecimentos e erudição necessárias para a escrita das suas *cartas de relación*, no entanto, o fato é que, Cortés, além de ter ingressado nos estudos no Curso de Direito numa idade precoce, com cerca de quatorze ou quinze anos de idade, não chegou a concluir os seus estudos na referida instituição de ensino por motivos desconhecidos, embora seja preciso frisar que, inegavelmente, esse breve período em Salamanca deixou consequências positivas para o repertório sociolinguístico do conquistador (Alcalá, 2013, p. 11).

De maneira complementar, deve-se levar em conta, também, uma característica curiosa pertencente ao seio de sua estrutura familiar: sua mãe, a dona Catalina Pizarro Altamirano, era uma mulher alfabetizada, e, portanto, potencialmente influente na educação do jovem Cortés. Mira Caballos, ao discorrer sobre a mãe do conquistador, emite a seguinte afirmação: “*Y un detalle más, sabía escribir y firmar, algo que no estaba al alcance de la mayoría de las mujeres de su tiempo*” (Mira Caballos, 2021, p. 18). Certamente, também, em função da convivência com a pessoa instruída que foi a sua matriarca, Cortés, teria adquirido os atributos de escrita que mais tarde utilizaria para redigir com tamanha retórica e apropriação linguística as suas *cartas de relación* destinadas ao rei Carlos V.

Posteriormente, visto que sua breve tentativa de inserção dentro do universo erudito das leis e do direito na Espanha não surtiu o efeito esperado, Cortés descartou a carreira acadêmica, visto que [...] *las armas lo atraen más [...] La España de su época ofrece a los hidalgos pobres*

como *él tres caminos: "iglesia, mar o casa real"*. *Escoge el segundo, pero no el de Oriente, el de Gonzalo de Córdoba que lleva a Italia, sino el nuevo y ancho de las Indias* (Alcalá, 2013, p. 11). É neste dilema que reside o outro aspecto primordial para compreender a mentalidade de Hernán Cortés ao deixar sua terra natal e dirigir-se rumo ao além-mar, tratou-se de uma questão de escolha, mas também, da falta de possibilidades que refletissem seus interesses militares dentro da sociedade de Castela.

Com efeito, é aproximadamente em 1510 que Cortés atravessa o Oceano Atlântico pela primeira vez em direção a recém conquistada – e processo de sofisticação relativa ao seu processo de colonização – Ilha de Hispaniola, onde residiria na cidade de Santo Domingo. Fixou-se e embarcou durante seus primeiros cinco anos junto de algumas expedições de conquista no arquipélago das Antilhas, entre essas expedições, destaca-se aquela que teve como objetivo a exploração da futura ilha de Cuba, quando Cortés tinha apenas vinte e seis anos e serviu como assessor de Diego Velázquez (1599-1660) – que na época, era um adjunto do governador em exercício da Ilha de Hispaniola. A partir desse momento, não somente, Cortés angariou o apoio e simpatia de Velázquez, que conquistou a posição de *adelantado* (governador) da ilha de Cuba, mas também, por meio das expedições que acompanhou, “adquiriu *vecinidad*⁵, *encomiendas*⁶ e ocupou o cargo de notário. Por meio de Velázquez, tornou-se responsável pelo recolhimento do Quinto, depois *alcade*⁷ de Santiago e asseguraria uma grande quantidade de escravos e terras” (Fernandes, 2022, p. 56-57). Sem dúvidas, esse período que dedicou às expedições foi crucial para a aquisição da experiência que seria útil ao embarcar, mais tarde, para a expedição de conquista do México.

Naturalmente, em consequência ao prestígio e respeito que conquistou entre os *vecinos* de Santo Domingo por meio da prática do butim ao participar das pequenas expedições coletivas de conquista e exploração nas Antilhas, Cortés almejava mais. É nesse contexto que a fraternal relação recém consolidada entre Velázquez e Cortés é fragilizada. Após as expedições de Francisco Hernández de Córdoba (1517) e Juan de Grijalva (1518), responsáveis pelas primeiras navegações de reconhecimento da faixa continental do continente americano na região do litoral mexicano, uma nova expedição é planejada, na qual Cortés será incumbido

⁵ De acordo com Fernandes (2022, p. 56), o termo designa um homem que possui plena participação nas decisões políticas de sua comunidade, assim como, usufrui do direito à terra e posses – incluindo escravos.

⁶ De acordo com John Elliott (2004, p. 152), as *encomiendas* no Novo Mundo eram uma instituição responsável pela concessão de indígenas pelo Estado para a realização de trabalho compulsório sob a tutela de seu *encomendero*.

⁷ De acordo com John Elliott (2004, p. 294-295), este era um cargo procedência jurídica desempenhada por homens leigos na ausência do *corregidor* (juiz) responsável por cada *cabildo* (conselho municipal) à nível local, ambas instituições transladadas para a América após a conquista durante o século XVI.

pelo próprio Diego Velázquez de liderá-la, firmando algumas responsabilidades às quais compõem o quadro da agenda colonial do início do século XVI, conforme se percebe no excerto a seguir:

En Santiago de Cuba, el 23 de octubre de 1518, el gobernador de Cuba nombró capitán de la expedición a Cortés, le delega poderes de justicia en todos los asuntos civiles y penales y le da sus instrucciones. Cortés tendrá que tratar bien a los indios, describir las regiones cercanas y tomar posesión de las tierras en nombre del rey de España. Luego Cortés tendrá que evangelizar. los, deberá comportarse correctamente con los indios, descubrir los secretos de las tierras y las islas, conocer las minas de oro y, lo antes posible, deberá enviar un barco a Cuba con las primeras informaciones. Cortés acepta las condiciones impuestas por el gobernador. Cuando su flota sale con los diez barcos, 3 son de Diego Velázquez, los otros siete de Cortés, o fletados a su nombre. Un undécimo se unirá a la expedición poco después (Grunberg, 2021, p. 55-56).

Assim, conforme foi elucidado, para além da capacidade de escrita do conquistador espanhol, foi necessário, sobretudo, a oportunidade, dentro do mundo colonial, de liderar sua própria expedição dentro dos limites das terras continentais. Essa oportunidade surgiu mediante a provação por parte de Cortés de suas capacidades militares em meio às pequenas expedições que participou ao lado de outros homens relevantes de sua época e de sua localização. No entanto, seria uma afirmação absolutamente teleológica dizer que a sua intenção ao firmar trato com o governador de Cuba no ano de 1518, seria o de se tornar um dos maiores nomes de seu tempo após efetivar sozinho a conquista de um rico e poderoso império indígena – como o mesmo fez crer por meio de suas correspondências, conforme será melhor abordado nos capítulos posteriores deste trabalho.

Por conseguinte, Fernandes (2022, p. 59) afirma que a saída de Cortés e sua frota de Cuba em direção às terras continentais do México, embora no primeiro momento tivessem contado com o apoio de Velázquez, foi uma decisão revogada em dúvida, pois haviam suspeitas de conspiração da parte do conquistador espanhol em tentar destituir Velázquez do cargo do governador de Cuba. Todavia, Cortés teria insurgido às ordens do governador de Cuba, partindo para Cozumel munido de uma quantidade expressiva de recursos humanos e materiais, além de contar com a presença de outras figuras de importância historiográfica como Bernal Díaz del Castillo. A respeito da decisão de Velázquez em eleger Cortés para capitanear esta expedição, fato que muito provavelmente foi descrito em sua primeira *carta-relación* – perdida –, foi precisamente descrita por Bernal Díaz de Castillo, como fruto do empenho de dois homens próximos do governador de Cuba, sendo eles, Andrés de Duero e Amador de Lares, que elogiaram Cortés pelo seu desempenho e qualidade de guerreiro persuadindo Velázquez a nomeá-lo como *capitán general* da armada:

[...] y fue desta manera: que concertaron estos dos grandes privados del Diego Velázquez que le hiciesen dar a Hernando Cortés la capitania general de toda la armada, y que partirían entre todos tres la ganancia del oro y plata y joyas de la parte que lo cupiese a Cortés; porque secretamente el Diego Velázquez enviaba a rescatar, y no a poblar. Pues hecho este concierto, tienen tales modos el Duero y el contador con el Diego Velázquez, y le dicen tan buenas y melosas palabras, loando mucho a Cortés, que es persona en quien cabe aquel cargo, y para capitán muy esforzado, y que le sería muy fiel, pues era su ahijado, porque fue su padrino cuando Cortés se veló con doña Catalina Xuárez Pacheco: por manera que le persuadieron a ello y luego se eligió por capitán general (Castillo, 2018, p. 139).

Entretanto, a mudança de opinião de Velázquez em relação a Cortés, segundo Castillo, teria se dado em razão da desconfiança que presumidamente tinha do conquistador, ao passo em que, também, teria sido o governador de Cuba informado que Cortés possuía aspirações à ida mesmo que Velázquez não houvesse concedido o seu aval, contrariando a sua autoridade, conforme observa-se no trecho a seguir:

[...] porque le acusaban que ya iba alzado y que salió del puerto como a cencerros tapados, y que le habían oído decir que aunque pesase al Diego Velázquez había de ser capitán, y que por este efecto había embarcado todos sus soldados en los navíos de noche, para si le quitasen la capitania por fuerza hacerse a la vela, y que le habían engañado al Velázquez su secretario Andrés de Duero y el contador Amador de Lares, y que por tratos que había entre ellos y entre Cortés, que le habían hecho dar aquella capitania (Castillo, 2018, p. 149).

É interessante afirmar que a aversão de Bernal Díaz de Castillo, presente em sua obra *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España*, publicada pela primeira vez em 1632, embora revestida por uma mensagem que conduz à leitura a partir da premissa de seu objetivo de preservar a memória do ocorrido no desenrolar da conquista da Mesoamérica em escalas supostamente realistas e desvinculadas a interesses pessoais, numa oposição clara em relação à versão de Francisco López de Gómara⁸, sua obra, na verdade, tratou-se de mais uma *probanza de mérito* com o intuito de conferir reconhecimento e relevância à participação ativa nos processos de conquista a outros personagens históricos – inclusive a si próprio – ignorados tanto por Gómara, quanto por Cortés e em suas respectivas produções textuais, sendo, portanto, outra documentação pertencente à historiografia da América Colonial que necessita ser estudada a partir de um olhar crítico sobre o seu próprio contexto produção histórica (Gomes, 2025).

Outrossim, ao desembarcar em Cozumel, outro elemento chave relativo ao processo de conquista ocorre. Em fevereiro de 1519, foi identificada a presença de “homens barbados” convivendo entre os nativos indígenas daquela região, entre eles, dois foram contatados, sendo

⁸ Francisco López Gómara é autor de várias obras, porém, a obra que teria despertado o interesse de Bernal Díaz de Castillo em escrever sobre a conquista foi *Historia General de las Indias*, publicada em 1552, em que Gómara escancara sua intenção de provar sua participação no arco de conquista.

eles, Gerónimo de Aguilar – vítima de um naufrágio ocorrido em 1511 saindo da região do Panamá –, que prontamente se juntou à causa de Cortés, e em virtude do tempo que viveu entre os nativos, aprendendo a se comunicar com povos maias, converteu-se em seu intérprete, e Gonzalo Guerrero, que foi leal à resistência indígena, onde havia estabelecido um matrimônio frutífero – três filhos – com a filha de Nachán Can, liderança indígena de Chactemal (Fernandes, 2022, p. 60). Com efeito, Grunberg faz menção a existência de uma conversa intermediada por Aguilar entre Cortés e os nativos, em que, fazendo o uso do medo que os indígenas afirmam ter dos cavalos e canhões, Cortés consegue informações sobre os astecas, se tornando, doravante, este ser o seu objetivo maior.

*El interrogatorio de algunos cautivos permite a Cortés comprender el miedo que los caballos y los cañones suscitaban en los indígenas. Luego desarrolla una estratagema, mostrando así que era muy astuto. Convoca a los caciques, comienza por sermonearlos y luego los amenaza en caso de reincidencia con soltar a los caballos para que los maten. Luego manda buscar un caballo y coloca una yegua cerca de los indios. Entonces el caballo comienza a relinchar, golpeando los cascotes con la mirada fija en la yegua, en dirección a los caciques, que creen que ellos son la causa de todo ese ruido. Cortés se dirige hacia el caballo, lo toma por el freno y le ordena a Aguilar que les diga a los indios que le ha pedido que no les haga daño. Además, sabiendo que los cañones también habían asustado a los nativos, Cortés da la orden de disparar en secreto un cañonazo, cuya bala se estrelló con gran estrépito. Los indios tienen miedo y, como nunca han visto esto, creen que esta arma los matará a todos, pero Cortés les dice por boca de Aguilar que ordenó que la bala de cañón no les hiciera daño. **Un poco más tarde los caciques revelan a los conquistadores la existencia de un gran y rico imperio, más al oeste.** A partir de ahora, el descubrimiento del imperio azteca se convierte en el principal objetivo de Cortés quien prosigue su camino (Grunberg, 2022, p. 58, grifos nossos).*

Não somente, Gerónimo de Aguilar por meio de sua serventia como intérprete da língua maia foi um importante sujeito histórico para a conquista do território mexicana, mas também, uma jovem indígena lograda pelos homens de Cortés como espólio da vitória da primeira batalha entre ibéricos e indígenas da Mesoamérica. Em março de 1519, quando intercalou até a região de Potonchán, deu-se início a uma batalha sangrenta entre o exército de Cortés e o exército nativo, que incidiu na primeira vitória de Cortés em solo mexicano. Após esta batalha, os indígenas trouxeram oferendas como oferta de paz, entre essas, encontrava-se Malintzin⁹, uma jovem de ascendência nobre indígena que dominava a língua maia, e principalmente, o idioma nahuatl – idioma falado entre os astecas (Restall, 2004, p. 128-129). É, de fato, um dos aspectos mais relevantes da vida de Cortés, o seu encontro, que se deu por acaso, com Malinche durante a sua jornada no Novo Mundo, pois, ainda que, Aguilar se esforçasse para atender à demanda de comunicação entre os europeus e os ameríndios, sua articulação era limitada ao

⁹ Malintzin, Malinalli, Malinche ou dona Marina, são denominações usadas para se referir à mesma pessoa, a jovem indígena que se tornou a principal intermediária entre Hernán Cortés e os astecas, assim como, sua amante (Fernandes, 2022, p. 60).

idioma dos povos maias, devido a sua convivência com eles em Cozumel. Nesse sentido, Malinche, para além de dominar uma língua desconhecida pelos homens de Cortés, irá, paulatinamente, aprender a se comunicar em espanhol, conferindo caráter secundário a Aguilar e viabilizando, devido à sua alta capacidade de inteligibilidade, o contato entre o conquistador espanhol e os astecas.

Na sequência dos aspectos biográficos relativos ao conquistador espanhol Hernán Cortés, deve-se frisar uma das principais características elencadas pelos historiadores americanistas, a sua capacidade de articulação política. Cortés, ao estabelecer contato com as primeiras populações nativas da Mesoamérica, partiu de uma abordagem comedida baseada na manipulação pelo medo que tinham os indígenas, ora dos cavalos e aparato bélico dos espanhóis, ora do subjugo exercido por Montezuma, o poderoso imperador e líder da Confederação Asteca, firmando importantes laços de cumplicidade e serventia com os nativos, reconhecendo, inclusive, que o momento para a cristianização compulsória seria uma estratégia pouco rentável à sua causa nesse primeiro momento, dada a necessidade do apoio por parte dos indígenas para o enfrentamento do poder asteca, assim, sua relação com os indígenas de Cempoala, Tlaxcatecas, Cholultecas e demais povos tratou-se muito mais de uma relação dinâmica de negociação e reciprocidade que perdurou até o fim da conquista, do que uma relação estática de autoridade e submissão (Grunberg, 2021, p. 59-60).

A partir daí, a armada de Cortés é favorecida e se torna um exército ibero-indígena que marcha por uma rota cuidadosamente escolhida por Cortés até a cidade de Tenochtitlán. Este aspecto foi, durante muito tempo, superestimado em obras de historiadores pertencentes a um modelo tradicional historiográfico para conferir ao conquistador a primazia sobre a conquista da América, ignorando o fato de que a conquista possa ter sido desenvolvida sob a presença favorável de diversos agentes e contextos, sobretudo, em função da escrita das *cartas-relaciones*, pois, conforme se verá no capítulo subsequente deste trabalho, as cartas de Hernán Cortés foram intensamente influenciadas pela cultura do mérito.

Mais à frente, ao chegarem à capital da Confederação Asteca, deve-se arrolar para esse dossiê de aspectos biográficos, o emblemático encontro de Cortés com o soberano asteca Montezuma. Os relatos no formato de vestígios que versam sobre o encontro entre os dois representantes de universos elevadamente diferentes são repletos de versões que destoam em relação aos detalhes como a culminância de reverências, cumprimentos, pessoas envolvidas e do assunto que conversaram – sobretudo, em relação à perda do conteúdo original de ambos os interlocutores em função da tradução efetivada pelos intérpretes, como Malinche e Aguilar –,

mas, os relatos diversos são congruentes ao afirmarem que o imperador e o conquistador reuniram-se para um encontro político, baseado na negociação e na tentativa de executarem os objetivos que os moviam até ali – no caso de Cortés, a pilhagem fazia parte de uma lógica de sobrevivência¹⁰, enquanto, para Montezuma, a razão era pautada na defesa de suas possessões frente aos estrangeiros vindos do leste, que ameaçavam o seu poder e o seu povo. Retornaremos a falar sobre esse encontro no subcapítulo 3.3, mas é necessário compreender de antemão que, tanto Cortés, quanto Montezuma demonstraram por meio de suas ações uma tentativa diplomática de evitar o conflito que ceifaria a vida de muitas pessoas de ambos os lados envolvidos. Para Cortés, sobretudo, esse encontro significou a abertura necessária para que todo o seu pelotão pudesse se instalar na sede daquele rico império indígena na América como convidados do imperador. A conquista espanhola de Tenochtitlán estava encaminhada.

É a partir desse ponto que o aspecto mais comentado em todas as biografias relacionadas a Hernán Cortés se manifesta, a efetivação da conquista. Após se estabelecer em Tenochtitlán, surgem notícias de navios que haviam atracado no litoral mexicano, nas proximidades de Veracruz, Cortés mobilizou alguns de seus guerreiros de confiança em direção à localização dos navios para neutralizar o avanço daquela tripulação, garantindo a exclusividade da conquista sobre a sua competência. A tática é exitosa, no entanto, Pedro de Alvarado, que havia ficado em Tenochtitlán para garantir a posição conquistada pelos espanhóis junto aos astecas instaura uma rebelião que incidiu no primeiro episódio sangrento envolvendo espanhóis e astecas, conhecido como *noche triste*¹¹. Após esse cisma, a estratégia de Cortés se fundamentará no cerco de Tenochtitlán, que durará 14 meses, marcado por pequenos conflitos violentos e pelo colapso de abastecimento da rica capital, que sucumbe em 13 de agosto de 1521 (Elliott, 2004, p. 170).

É com por meio desses desdobramentos, e sobretudo, pela representação deles para a monarquia hispânica que Cortés se estabelece enquanto grande ícone da conquista espanhola na América, usufruindo de espólios para além dos da conquista, possuindo estátuas e pinturas, como a que se apresenta a seguir (figura 01), projetada pelo artista mexicano José Salomé no século XIX, que o retrata Cortés enquanto o verdadeiro protagonista da conquista, como também, fundador da Nova Espanha e da Cidade do México, visões historiográficas que possuem como gênese o Paradigma Prescott, contestadas por diversos historiadores

¹⁰ Cortés dizia “Eu e meus companheiros [...] sofremos de uma doença do coração que somente pode ser curada com ouro” (Elliott, 2004, p. 167).

¹¹ Ver subcapítulo 3.2.

pertencentes a uma linha de pensamento adquirida a partir da Escola dos Annales, durante o século XX¹².

Hernán Cortés se tornará, para além de conquistador do México indígena, Marquês do Vale de Oaxaca pela graça do imperador espanhol Carlos V, contudo, ao retornar para o México, se deparou com a fraude de seus bens que estavam sobre administração alheia, conseguindo reverter o comando para si, porém, em 1535 foi surpreendido pela escolha de Antonio de Mendonza para o cargo de primeiro vice-rei da Nova Espanha, e posteriormente, se envolve em diversos processos e denúncias entre os *vecinos*, sendo necessário retornar à Espanha em 1541 para pedir ajuda a Carlos V, mas, o monarca o designa para uma batalha na Argélia, onde sua capacidade física é testada e o impede de prosseguir, ao retornar “Profundamente endividado, pede empréstimo à Coroa e, tendo sido largamente ignorado na Corte por três anos, decide voltar à Nova Espanha. Morreu no caminho” (Fernandes, 2022, p. 81).

Figura 1: Pintura que representa o conquistador espanhol Hernán Cortés.



Fonte: José Salomé, 1879 (*Museo Nacional del Prado*).

Cortés chegou a casar-se por volta de 1514 com Catalina Xuárez, com quem não teve filhos. Por volta de 1522, Malinche dá à luz ao seu primeiro filho, ao qual recebeu o nome de Martín Cortés, em homenagem ao pai do conquistador, e que, provavelmente, anos mais tarde, “*debió provocar los celos de Catalina [...] Catalina reprochaba por ello continuamente a*

¹² Ver subcapítulo 3.2.

Cortés – acaso diciéndole que el niño era un bastardo e hijo de una india, añado –, y éste, de temperamento iracundo, la estranguló en un momento de exasperación. Pudo ser así? (Martínez, 1990, p. 412-413). Além de Martín, Cortés teve outros 10 filhos, sendo eles, Luís (filho de Dona Antonia Hermsillo), Dona Catalina Pizarro (filha de Leonor Pizarro), Dona Leonor Pizarro (filha de Dona Isabel Montezuma), Dona María (sabe-se apenas que sua mãe era uma princesa asteca) e seis filhos com sua segunda esposa, a Dona Juana Ramírez de Arellano, sendo eles, Luís, Catalina, Martín, María, Catalina e Juana (Martínez, 1990, p. 530).

Durante todo o ocorrido no tocante à conquista, Cortés, elaborou, até onde se tem conhecimento, o total de cinco *cartas-relaciones* detalhadamente escritas com informações relativas aos seus atos durante a expedição de conquista contra os astecas. Esta variedade de informações contribuiu para compor um imaginário europeu sobre as sociedades da América Colonial, porém, novos estudos como o de Restall (2006), Souza (2025) e Folger (2011) sugerem que os discursos de conquistadores e cronistas foram forjados sob a tentativa de obtenção de algum tipo de reconhecimento perante a Coroa de Castela.

2. “CRÔNICAS Y RELACIONES”: DEFINIÇÕES E DISCUSSÕES TEÓRICO-HISTORIOGRÁFICAS

2.1. Um conceito flutuante: da crônica medieval à *carta-relación* de Hernán Cortés

A conquista e colonização da América empreendida pelos invasores ibéricos tem início com a chegada do genovês Cristóvão Colombo (1451-1506), onde acreditava ter chegado nas Índias Orientais, no ano de 1492. Se, por um lado, a localização geográfica tratou-se de déficit descritivo associado às cartas do conquistador genovês, por outro, a comunicação e informações prestadas à monarquia hispânica por meio de suas cartas podem ser consideradas uma tática exitosa, sobretudo, em função das consequências que acarretou em nome de sua própria causa, assim como, inaugura uma família textual que versa sobre a historiografia da América colonial (Mignolo, 1982, p. 60).

O registro por escrito de seus feitos, assim como, a representação do ambiente natural característico descrito ao atingir o arquipélago americano no além-mar, foram essenciais para que Colombo obtivesse o apoio de que necessitava por parte da Coroa de Castela para fixar-se e conquistar a região, gozando do direito à exploração em nome da monarquia, mas, também, com vistas ao favorecimento econômico e social de sua própria família e de si mesmo (Elliott, 2004, p. 146-148). Entretanto, o surgimento da prática de correspondências como instrumento oficial da burocracia da monarquia espanhola para controle de suas colônias remonta a um período anterior à chegada de Colombo às Antilhas. Ciente da variação de sentido atribuída ao

termo “crônicas” do decorrer da história, faz-se necessária à sua conceituação do ponto de vista histórico-cronológico.

No bojo desta prática eficaz de correspondência ultramarina estabelecida entre a metrópole espanhola e suas colônias, o letrólogo José Carlos González Boixo (1999), discorre sobre a natureza tipológica, histórica e literária das fontes, além de outras características que compõem estes relatos dos séculos XVI e XVII por conquistadores e cronistas viajantes. Nesse sentido, ao estabelecer uma definição para os termos “crônica” e “cronista”, o letrólogo declara a existência de um duplo sentido histórico para estes termos, sendo o primeiro deles reconhecido como um estilo literário com origem datada durante a Idade Média. A respeito do primeiro sentido histórico, os chamados cronistas eram incumbidos de erigir e organizar a documentação relativa aos acontecimentos dos reinos numa perspectiva cronológica, além disso, “A etimologia do vocábulo pressupõe a marca temporal do texto que não passava de mero relato sobre uma ou outra personagem, sendo o objetivo primeiro o registro histórico e a documentação” (Dutra; Coelho; Campos, 2012, p. 2807).

Dessa forma, durante a Idade Média, Baschet (2006) afirma que é possível observar a instituição da Igreja Católica como responsável pela síntese e reprodução de documentos e obras de importância histórica, historiográfica e literária, sobretudo, por meio do esforço laboral de seus clérigos copistas em prol da manutenção da hegemonia intelectual como um elemento restrito à Igreja. “É preciso, então, relembrar este fato em geral esquecido: é aos clérigos copistas da Alta Idade Média e a seu trabalho obstinado, em um meio, não obstante, pouco favorável, que devemos a conservação do essencial da literatura latina antiga” (Baschet, 2006, p. 75). Com efeito, Baschet acrescenta que dentre as obras produzidas no interior das abadias e mosteiros da sociedade feudal europeia, sobressai-se o modelo designado como “crônica universal”, esta, por sua vez, dotada de elementos compostos pelo imaginário cristão, “que apresentam a história humana desde a Criação do mundo até o momento da redação da obra” (Baschet, 2006, p. 327).

[...] Estas são obras de clérigos – bispos [...], monges trabalhando voluntariamente em equipe em mosteiros especializados nesse tipo de produção (como a abadia de Saint-Denis, principal centro historiográfico da monarquia francesa) ou frades mendicantes (como o dominicano Vicente de Beauvais) – até que autores laicos tomem o seu lugar no fim da Idade Média (como Froissart ou Filipe de Comynnes) e que Carlos VII – logo seguido por outros soberanos – crie, em 1437, o ofício de cronista da França (Baschet, 2006, p. 326-327).

Ademais, partindo do ponto de que as crônicas desempenhavam um importante papel informativo para a medievalidade, é possível notar um momento de transformação dessa prática a partir da ocupação e conquista das Ilhas Canárias, um arquipélago localizado à noroeste do

litoral do continente africano, durante o século XV. É nesse momento que as crônicas adquirem uma nova conotação, o informativo para além do mero registro de feitos de personagens, passando a contemplar, doravante, desde os aspectos do ambiente natural até as características dos povos nativos contatados pelos conquistadores e cronistas a fim de comunicar à Coroa de Castela sobre as terras e suas possibilidades de usos. Para Boixo (1999), a utilização das crônicas a partir destes últimos critérios declarados conferem a elas o seu segundo sentido histórico, embora também atente para a possibilidade de anacronismo associado ao termo:

Tal es lo que ocurre cuando hablamos de «crónicas de Indias» para referirnos a un conjunto de textos, preferentemente históricos, que sólo parcialmente es denominado así, con el agravante de cometer un anacronismo, pues, en pureza terminológica, dicho vocablo define la forma más característica de la escritura histórica en la Edad Media (Boixo, 1999, p. 277).

A respeito da empreitada colonizadora orquestrada pelos conquistadores espanhóis nas Ilhas Canárias, Arrocha (2016) alega que entre a segunda metade do século XV até o XVI, houve uma mobilização por parte de um seleto grupo de poetas naturais ou não das Ilhas Canárias que recorreram, também, aos elementos textuais na tentativa de representar a experiência colonial em seu arquipélago. Entre eles, destacam-se Antonio de Viana (circa 1578-1650) com seu poema *Antigüedades* (1604) composto por dezesseis canções sobre os discursos dos vencedores da colonização da ilha de Tenerife, e Cairasco Bartolomé de Figueroa (1538-1610), que possui destaque por redigir uma variedade de obras poéticas que discorrem sobre o ambiente natural, o mundo espiritual e alguns personagens históricos de seu período e de seu meio. Assim, mesmo nos dois primeiros séculos posteriores à Idade Média, é possível notar no estilo de escrita das crônicas, como a de Figueroa, traços pertencentes ao primeiro sentido histórico cronístico, marcado por valores e características da sociedade medieval, como adverte Arruda (2013):

A caracterização positiva dos povos indígenas manifesta-se na atribuição de características compatíveis com a religião cristã, como a sinceridade, o monoteísmo e a austeridade na dieta. Para essas qualidades se junta a virtude cavalheiresca da coragem. No entanto, nos versos de Cairasco a ação militar da conquista da ilha de Gran Canaria também envolve uma amostra da bravura dos conquistadores espanhóis. Esta declaração deve ser interpretada num contexto cultural em que ela dificilmente poderia ser posta em dúvida a legalidade da conquista do arquipélago e a imposição de direito e das instituições castelhanas (Arrocha, 2013, p. 08).

Por conseguinte, esse sistema de correspondências, uma vez instituído, viria a ser um importante elemento para a garantia, não somente, da manutenção da relação de suserania entre os colonos e a Coroa, mas, também, da instituição da prática colonial da *probanza de mérito*, que, por sua vez, baseava-se na demonstração de algum ato de servidão da parte dos colonos petionários em busca de uma compensação ou reconhecimento por parte da monarquia em

virtude dos serviços por eles ofertados. Essa nova dinâmica originada no final do século XV, praticada pelos colonizadores e colonos das Ilhas Canárias, na visão do estudioso de literatura romântica Robert Folger (2011) representou a extensão da concessão de “dignidades e honras” a partir da meritocracia entre os funcionários da Coroa, diferente das “dignidades e honras” hereditárias pertencentes à nobreza. Não obstante, essa prática foi convertida numa instituição colonial, denominada *probanza de servicio*, em que na prática, eram confeccionados documentos oficiais que versassem sobre os serviços oferecidos pelos colonos na intenção de obter méritos ou mercês¹³, que, por sua vez, eram encaminhados para o Conselho das Índias, e em última instância, para o rei, mediante a assinatura de um juiz local, assim como, podendo conter em anexo variados arquivos comprobatórios dos serviços prestados (Folger, 2011, p. 30). Nesse prisma, “O desejo de “conquistar honras” e de *valer más* era uma ambição fundamental na sociedade que era a Castela medieval, ligada por uma hierarquia de posições e atenta à idéia de honra” (Elliott, 2004, p. 138). Não obstante, este sistema de correspondências entre a monarquia e a colônia visava impedir a formação de elites locais e independentes da Coroa de Castela, o que representaria uma ameaça às possessões espanholas e, conseqüentemente, à exploração de seus recursos pela monarquia hispânica (Folger, 2011, p. 16).

Ademais, Souza (2025) revela uma dimensão bastante pertinente no tocante a discussão das *probanzas de mérito* ao analisar a atuação do missionário franciscano frei Pedro de Aguado no vice-reino do Peru, especificamente, na intervenção pela *petición de los Indios de Cogua y Nemeza*, uma entre as documentações redigidas por Aguado na posição de súdito da Coroa, esta, especificamente, feita em 1569 junto à Real Audiência de Santa Fé e direcionada ao Conselho de Índias. Essa petição teve como objetivo o requerimento de mercês às autoridades da hierarquia colonial, notadamente, o reconhecimento da evangelização dos indígenas de Cogua e Nemeza enquanto exitosa e digna de presidir a procissão do feriado de *Corpos Christi* por via de uma Real Cédula assinada pelo rei da Espanha. Diante dessa fonte, o Souza discorre sobre a verossimilidade das afirmações de Aguado, ponderando que a intenção oculta do frei franciscano, para além da sua missão catequizadora e religiosa, pudesse ter sido baseada no estabelecimento de boas relações com as instituições e autoridades políticas para o favorecimento próprio.

[...] podemos sugerir que a *Petición de los Indios de Cogua y Nemeza* foi uma peça importante para a criação de um perfil que Aguado pretendeu sustentar perante o Conselho de Índias e que poderia tê-lo ajudado a negociar com a instituição em momentos de necessidade. Esse documento comprova, também, como distintas situações impunham diferentes condições de escrita. Os objetivos almejados no

¹³ Isto é, recompensas à altura de seus feitos, embora Elliott afirme que “nenhum conquistador admitiu algum dia que as recompensas foram proporcionais a seus serviços” (2004, p. 179).

momento de produção de um texto poderiam modificar não apenas os argumentos, mas simplesmente omitir aquilo que era dispensável à sustentação da argumentação (Souza, 2025, p. 17).

Nesse prisma, as *probanzas de mérito* foram determinantes em moldar e definir os aspectos de sociabilidade entre a América Espanhola Colonial e a Monarquia Espanhola, que demonstrava apreço pelas informações referentes às suas colônias, sendo requisitadas pela própria Coroa para fins diversos – fato perceptível por meio da criação de cargos de cronista oficial que será evocado para esta discussão mais a frente –, mas também, eram produzidas livremente entre os vassalos letrados do poder monárquico, como o franciscano Aguado com vistas, sobretudo, à ascensão social por meio de provações escritas. De maneira semelhante, as *cartas-relaciones* de Hernán Cortés, também, manifestam essas características e preocupações com a aquisição de mercês, mesmo que isso signifique se enaltecer, mentir ou ocultar fatos relativos aos acontecimentos dos serviços prestados para a Coroa em nome de sua própria causa.

Certamente, em virtude das diferentes funções e significados atribuídos ao termo “crônica” no decorrer das eras históricas, houveram tentativas honoráveis cunhadas por pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais na intenção de obter uma conclusão efetiva referente à tipologia classificatória de alguns dos documentos manuscritos produzidos por conquistadores, colonizadores e cronistas viajantes no contexto do contato hispano-ameríndio nas Américas durante os séculos de colonização. Entre as tentativas estabelecidas, destacam-se as obras *Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista* (1982) do semiólogo Walter Mignolo e *Hacia una definición de las crónicas de Indias* (1999) de autoria do letrólogo José Carlos González Boixo, em virtude das ricas análises presentes nestes trabalhos, assim como, pelo impacto teórico-metodológico que acarretaram através de seus estudos. Assim, por meio das contribuições de ambos os autores é possível construir uma visão panorâmica a respeito da sofisticação relativa ao conteúdo e classificação dos manuscritos coloniais, inclusive, sobre o objeto de análise desta pesquisa, as *cartas-relaciones* do conquistador Hernán Cortés.

Inicialmente, Barba (1964) reflete que o conjunto de fontes coloniais produzidas, sobretudo, durante os séculos XVI e XVII expressam, antes de tudo, a função primordial das crônicas coloniais escritas pelos colonizadores ibéricos, que em linhas gerais, deveriam “*relatar y conservar los propios hechos junto a la noticia de lo visto y lo oído, y averiguar y perfeccionar la historia de los pueblos aborígenes*” (Barba, 1964, p. 08). Para este autor, essas correspondências, não somente, exprimem a capacidade, conhecimentos e o caráter de seus autores, mas, também, compõem a chamada Historiografia Indiana. Não obstante, os diversos

materiais escritos produzidos durante a Idade Moderna pelos conquistadores e cronistas são profundamente atravessados pela cosmovisão europeia, sendo assim, envolta pela filosofia medieval, assim como, pelo ascendente Renascimento Cultural (Barba, 1964, p. 10). Diante deste cenário, as crônicas, deveriam desempenhar alguns papéis e atender a algumas demandas que determinavam os elementos que comporiam seu escopo, sendo necessário apreender que, apesar do Novo Mundo ser repleto de paisagens naturais nunca vistas pelos ibéricos, Barba (1964, p. 12) declara que a missão dos primeiros desbravadores ibéricos das Américas não possuíam tempo para apreciar ou registrar a paisagem natural por puro deleite, devendo restringir suas anotações às possibilidades de usos dos recursos naturais em prol do desenvolvimento econômico da metrópole.

Nesse sentido, os documentos coloniais que foram produzidos, embora, convergissem para um objetivo comum dentro da lógica de correspondência colônia-metrópole, não possuíam uma padronização de escrita ou de formatação. Contrariamente, o que se observa ao analisar as fontes produzidas pelos conquistadores e cronistas durante os primeiros séculos de colonização são materiais que variam em tamanho, intencionalidade, descrição, fronteiras cronológico-ideológicas e a sua forma de apresentação, porém, todas representam unidades pertencentes a uma mesma família textual – sendo elas as cartas, crônicas e *relaciones* do descobrimento e da conquista (Mignolo, 1982, p. 58). Ainda, Mignolo expõe que essas três tipologias textuais possuem conotações próprias.

Primeiramente, as *relaciones*, durante o século XVI, são definidas pelo autor como um conjunto de relatos e informes solicitados pela Coroa – logo, possui caráter oficial – a fim de inteirar-se sobre suas possessões no além-mar, conforme o seguinte fragmento:

El sentido que tiene el vocablo, en el siglo XVI, es el de «la narración o informe que se hace de alguna cosa que sucedió» (Diccionario de Autoridades): y es el vocablo castellano correspondiente a los latinos relatio y narratio. En uno de sus sentidos correspondería al actual vocablo relato. Pero, en el contexto del grupo de textos que denominamos relaciones de la conquista y de la colonización, tiene el sentido más específico de «relato/informe solicitado por la Corona». A su vez, como lo veremos de inmediato, es te último sentido debe diferenciarse, por un lado, del uso que de él hace Cortes, cuando el pedido de informes es obligatorio pero no oficial (Mignolo, 1982, p. 70).

Outrossim, entre as classificações esmiuçadas encontram-se as crônicas, estas, por sua vez, profundamente atravessadas pela conotação medieval, encontraram nas Índias seu novo significado e diretriz, sobretudo, a partir do século XVI. Com efeito, após a efetivação do primeiro arco de conquista que partiu da Antilhas rumo à Mesoamérica, em meados de 1520, a monarquia hispânica cria, em 1526, o cargo oficial de *cronista de Indias*, primeiramente ocupado por Antonio de Guevara (circa 1480-1545), que já desempenhava este papel na

Espanha como cronista oficial de Castela, contudo, na prática, as primeiras crônicas indianas foram elaboradas por Fernández de Oviedo (1476-1557) a partir de sua nomeação em 1532, visto que não há registros de documentos escritos por Guevara (Boixo, 1999, p. 228). O cargo de cronista oficial das Índias se fez positivamente vantajoso do ponto de vista instrucional, uma vez que, por meio do contato direto entre o cronista e os documentos oficiais da colônia, era possível redigir textos com qualidade e riqueza informativa verificável e verossímil. Diante disto, não somente este, mas outros cargos são citados e considerados tão sumariamente importantes quanto, por exemplo o cargo de *cronista mayor de Indias*, criado em 1571 e ocupado por Juan López de Velasco, que “[...] produziu com base nas *relaciones* enviadas pelos funcionários uma Descrição Geral das Índias que constitui o primeiro levantamento estatístico abrangente dos territórios espanhóis na América” (Elliott, 2004, p. 300). Convencionalmente, a respeito da estrutura de cada crônica, Boixo argumenta haver a classificação a partir de dois critérios:

Al intentar hacer una clasificación de las crónicas se pueden adoptar dos criterios: uno formalista; otro contenidista. En el primer caso me refiero a los «modos de escritura», es decir, una caracterización de posibles géneros narrativos en el conjunto de las crónicas. En el segundo caso, la clasificación es de índole temática, es decir, la agrupación de una serie de crónicas se realiza en función de la materia o contenido de las mismas. Ha sido este segundo criterio el más utilizado, tanto desde la perspectiva histórica como desde la literaria (Boixo, 1999, p. 230).

É válido frisar que, embora Hernán Cortés, ao redigir sua *carta-relación* para o monarca Carlos V da Espanha, tenha definido sua carta enquanto uma “*particular relación*”, o uso deste vocábulo por Cortés representou menos uma escolha de caráter tipológico literário do que, verdadeiramente, um uso de um termo comumente usado naquela época (Mignolo, 1982, p. 66), sendo assim, para o autor, a produção de suas cartas inserem-se na classificação de *cartas relatorias*, ou, ainda, *cartas de relación* ou *cartas-relación*. Assim, é de suma importância = fazer a leitura de quaisquer *cartas relatorias* ou manuscritos coloniais tendo em mente os parâmetros delimitados por Folger (2011) destacados no início deste capítulo, assim como, deve-se considerar que “*el objetivo principal de hombres como Cristóbal Colón y Hernán Cortés no es el de escribir, sino el de descubrir y el de conquistar*” (Mignolo, 1982, p. 59), isso porque, ao redigir suas cartas para a monarquia hispânica, os colonos almejavam, sobretudo, reclamar em prol de sua conquista, afinal, “Como poderiam reclamar mercês se mostrassem coisa outra coisa que não supremacia, poderio e vitória em nome dos soberanos espanhóis?” (Fernandes, 2022, p. 68).

Em virtude disso, a produção de cartas, crônicas e *relaciones* da conquista e colonização também devem ser analisadas a partir da perspectiva de relação entre história e memória, pois,

a partir da seleção e confecção de informações a respeito de quaisquer temas no bojo da produção histórica e historiográfica, as narrativas são o produto final, ao passo que, como subproduto, obtém-se os silenciamentos e, conseqüentemente, os esquecimentos (Pollak, 1992). Nessa lógica, Barba (1964) reflete que “[...] *también hay que tener en cuenta los silencios, muy característicos de estos escritores, que prefieren callar a extender noticias que pudieran ir en desdoro de sus compañeros de hábito [...] No falsean la verdad: la dejan incompleta*” (Barba, 1964, p. 09). Desses esquecimentos ou incompletudes, evidencia-se a chamada “visão dos vencidos”, denominada pelo historiador mexicano Miguel León-Portilla, que culminou, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, com o intuito de conferir espaço ao debate referente à historicidade das sociedades e culturas vitimadas e silenciadas pelo sistema colonial e pela historiografia tradicional.

2.1. As cinco cartas endereçadas ao imperador Carlos V

A partir da invenção da prensa móvel em 1450 por Johannes Gutenberg, o alcance dos manuscritos atinge uma projeção nunca antes vista, onde a história do manuscrito foi impactada positivamente. A partir dessa nova técnica, obras como calendários, almanaques e cartas curtas como as de indulgência passaram a ser amplamente impressas com preços mais acessíveis, ao passo em que, textos mais longos, como a Bíblia, seguiriam sendo copiados a partir do trabalho de escribas (Gomes, 2011, p. 19). Essa tecnologia atingirá no século XVI um patamar muito mais sofisticado, permitindo, por exemplo, não somente, que a Bíblia Sagrada seja impressa et traduzida para vários idiomas, mas, também, que outros documentos de grande porte, como as *cartas-relaciones* de Hernán Cortés sejam disseminadas para a população culta da Europa.

Assim, as *relaciones* de Hernán Cortés possuem uma importância histórica inegável, visto que seu conteúdo corroborou, por meio da prestação de notícias à Coroa de Castela sobre o arco de conquista de Tenochtitlán, sede da Confederação Asteca, sobretudo, para o avanço e desenvolvimento da colonização por meio do traslado das instituições ibéricas para o que seria conhecido, a partir de 1535 como Nova Espanha, uma organização pautada em civilizar, explorar e catequizar. Diante disso, neste breve subcapítulo serão evocadas as informações relativas às *cartas-relaciones* de Cortés a partir das perspectivas historiográficas que se debruçaram sobre seus aspectos gerais e específicos até o momento conhecidos.

No contexto da produção de informações para a monarquia hispânica, Hernán Cortés, elabora até onde se tem conhecimento, cinco cartas destinadas à Castela. Partindo desse pressuposto, Barba (1964) afirma que o conteúdo de suas *cartas-relaciones* trata diretamente do detalhamento do processo de conquista e colonização que foi planejado e executado sob a

sua liderança a partir de 1519, saindo das Antilhas e dirigindo-se até a faixa continental. Nesse sentido, a primeira carta foi redigida em 1519 na região de *Villa Rica de la Vera Cruz*, entretanto, não há certeza sobre o seu paradeiro, o que constitui uma lacuna narrativa preenchida com o uso de hipóteses sobre o seu conteúdo, da mesma forma que não se tem certeza se a carta chegou a ser lida pelo monarca Carlos V.

Na mesma época de envio da primeira *carta-relación* de Cortés, sabe-se, também, graças ao trabalho do historiador escocês William Robertson, que, além desta, outra carta fora redigida e enviada paralelamente para a Espanha, conforme demonstra o excerto a seguir:

Supuso William Robertson que la carta perdida podría hallarse en algún archivo de Viena donde se despachaban a la sazón muchos asuntos importantes. Pudo comprobar que no estaba allí, pero, en cambio, tropezó con un códice en la Biblioteca Imperial, donde, al frente del resto de las relaciones, había una copia de la carta dirigida al Emperador por la justicia y regimiento de la Villa Rica de la Vera Cruz. Como vimos había sido enviada al mismo tiempo que la primera relación perdida de Cortés. Aunque ésta suele ser suplida por aquélla, sabemos, gracias a Gómara, que no eran exactas en su contenido, ni siquiera en su intención (Barba, 1964, p. 139).

Não obstante, a segunda carta de Cortés, finalizada em 30 de outubro de 1519 a partir de Nova Espanha e objeto deste estudo, foi a primeira das cartas preservadas que se tem conhecimento e revela em seu conteúdo a versão do conquistador espanhol sobre o avanço da conquista desde os desdobramentos relativos à sua chegada à Mesoamérica até o momento do conflito político sucessório que ocorre após a morte do imperador Montezuma, assim como, solicita o envio de recursos como cavalos, bestas e pólvora para efetivar a conquista das regiões e povos adjacentes (Cortés, 2013, p. 119). É uma das cartas mais densas de Cortés, possuindo quase cem páginas. Ademais, no livro *Cartas de relación* (2013), que reúne as *relaciones* de Cortés, numa nota preliminar escrita pelo renomado historiador Manuel Alcalá, são apresentadas informações gerais sobre as primeiras publicações da segunda carta de Cortés, em que o historiador afirma que a carta foi publicada pelo menos seis vezes antes do final do século XVI. A primeira publicação é feita por Jacobo Cronberger em 1522, na cidade de Sevilha, sendo reeditada e publicada por Jorge Coci em 1523. Também, neste ano recebe tradução para o francês cunhada por Michel de Hochstraten, e em 1524, seu conteúdo é publicado em italiano por Nicolás Liburnio, assim como, há registros neste ano de uma publicação em flamenco, e, no final do século XVI, em 1550, Sixto Birk ou Betuleius e Andrés Diether publicam uma versão em alemão, corroborando para a difusão do conhecimento sobre a conquista para o respectivo público leitor de cada língua (Alcalá, 2013, p. 15).

Em sua terceira *carta de relación*, escrita em Coyacán, em 15 de maio de 1522, Cortés discorre sobre os acontecimentos decorrentes do episódio que ficou conhecido como *noche*

triste (ver subcapítulo 3.2), também, escreve sobre a empreitada de conquista e subjugação, alianças e características das provisões do contato estabelecido com outras populações indígenas pertencentes ao mosaico étnico do Novo Mundo. Nesse sentido, Alcalá (2013, p. 18) contribui para a discussão ao ponderar que o impacto das cartas de Cortés, sobretudo, no tocante ao público leitor culto europeu, se deu através das publicações e traduções para a língua latina, mas, também, para as línguas vernaculares, visto que, em 1523 a terceira *relación* é impressa e publicada pela primeira vez por Jacobo Cronberger em Sevilha com uma tipografia gótica, assim como, é traduzida para o latim por Savorgnani e para outros idiomas, como ocorreu com a sua antecessora.

No que se refere à quarta *carta-relación*, datada em 15 de outubro de 1524 na cidade de Tenochtitlán, esta contém em suas páginas as táticas e planejamentos adotados por Cortés e seus homens para dar continuidade à agenda colonial. Sua primeira editoração e publicação foi obra de Gaspár de Ávila, que publicou na Espanha na região de Toledo, e, em 1526, na região de Zaragoza por Gregório Castilla, ganhando sua versão alemã somente em 1779 (Alcalá, 2013, p. 19-20). Por último, a quinta *carta-relación* de Cortés, assim como, a primeira carta, foi encontrada por William Robertson, embora tenha sido publicada, e graças à esta editoração, seja possível saber que sua escrita é de 03 de setembro de 1526, e que, em seu conteúdo, Cortés descreve a expedição que teria efetivado rumo à região onde hoje é Honduras e da sucessiva morte de Luis Ponce de León, tendo sido publicada somente em 1844 por Fernández Navarrete (Alcalá, 2013, p. 20-21).

Com efeito, as reverberações das cartas após a publicação e tradução pelo continente europeu foram tão fortes que teria instaurado uma espécie de “culto ao conquistador” em função da forma como Cortés representou a conquista em mérito próprio. Assim, suas cartas “[...] Promoveram com tamanha eficiência a Conquista como realização de Cortés e alcançaram vendas tão altas em pelo menos cinco idiomas que a Coroa decidiu bani-las para evitar que o culto ao conquistador se tornasse uma ameaça política” (Restall, 2006, p. 41). Ainda, em outra obra, Restall demonstra de maneira prática a partir de uma análise investigativa como se deu a propagação das informações retidas nas cartas e como estas foram cruciais para compor o imaginário europeu sobre os povos mesoamericanos, sobretudo, em relação às suas práticas e tradições – como rituais antropofágicos, ritos religiosos sacrificiais e insumos alimentares – representadas por Cortés e por outros cronistas enquanto parte de uma cultura bárbara e selvagem em relação à cultura cristã dos países europeus do século XVI.

Las noticias sobre el descubrimiento de la ciudad, de dimensión e infraestructura sin precedentes en Europa, se propagaron rápidamente al otro lado del Atlántico; las

observaciones de testigos oculares se mezclaron con los rumores, y las comparaciones inadecuadas con las ciudades europeas con la especulación imaginativa. Un boletín informativo impreso en la ciudad alemana de Augsburgo a finales de 1521, o principios de 1522, describía cómo los «cristianos» que hacía dos años habían descubierto la metrópoli azteca la llamaron «Gran Venecia». El autor anónimo del boletín estaba intrigado en particular por las cinco calzadas que unían Tenochtitlan con la orilla del lago, las cuales intentó retratar un grabador en lo que es la más antigua ilustración que se conserva de la ciudad azteca (se encuentra al principio de este capítulo). El boletín informaba que la «Gran Venecia» era «enormemente rica en oro, algodón, cera y miel», y que esta y las ciudades alrededor del lago estaban «bien construidas», con «techos fabricados con plata pura, cal y arena». Los habitantes de la ciudad eran «gente fuerte» que «engordan y comen perros», que eran los únicos animales del lugar, y «mucha miel y también carne humana» (Restall, 2019, p. 35-36)

Em vista dos pontos expostos, constata-se que “*Escribir es secundario y, en cierto sentido, una obligación; aunque ésta sea, en el caso de Cortés, aparentemente, también un placer*” (Mignolo, 1982, p. 59), dada a quantidade de páginas que endereçou ao rei Carlos V, e que, atualmente constitui uma entre as possibilidades de pesquisa e investigação histórica sobre o período colonial latino-americano. Além disso, há de se considerar que as cartas de Cortés, ao passo em que foram profundamente atravessadas pelo contexto do sistema de correspondência colônia-metrópole e pela prática das *probanzas*, muito provavelmente passaram por um processo de seleção pelo autor no sentido de angariar mercês, não havendo, portanto, a preocupação explícita de sua parte em preservar de maneira fidedigna os acontecimentos e características reais dos povos *nahuas*, ou dos eventos que sucederam durante o arco de conquista, o que contribuiu para a formação de ideias completamente errôneas sobre os nativos americanos e sobre a sua historicidade. Nesse sentido, qualquer estudo sério que se pretenda fazer a partir das cartas do conquistador, assim como, dos cronistas que produziram a chamada historiografia indiana, devem ser feitos mediante a não aceção de seus relatos como verdades absolutas, mas, sim, nos sentidos constatados por Tereza Malatian:

[...] Valem para isso ainda as famosas perguntas: quem, quando, onde, como e por que uma carta é escrita?

Ao analisar a correspondência como objeto, o historiador levará em conta seu caráter altamente subjetivo e, mais do que a veracidade dos fatos e a sinceridade do escritor, irá buscar, nesses documentos, a expressão e a contenção do eu, em seus diversos papéis sociais, em termos de sentimentos, vivências e, principalmente, práticas culturais. Trabalhar as cartas enquanto objeto cultural também requer várias estratégias. A materialidade do objeto carta em seu suporte de papel e tinta desdobra-se na sua escrita que sempre envolverá um ou diversos temas não necessariamente ordenados na sequência de exposição nem hierarquizados (apesar das regras que definem as fórmulas de tratamento, a abertura e o fecho do texto, o tipo de linguagem, o vocabulário e até mesmo o número de páginas) [...] (Malatian, 2011, p. 204).

3. SERES POLÍTICOS: OS NAHUAS ENTRE A HISTÓRIA, A MEMÓRIA E A REPRESENTAÇÃO

3.1. Sinopse histórica sobre a Confederação Asteca

A rica e poderosa sociedade asteca foi constituída por um conjunto de povos distintos que habitavam a região da Mesoamérica e compartilhavam, entre outros aspectos, o idioma *nahuatl*, juntos, esses povos formaram uma das civilizações antigas mais volumosas e sofisticadas da história. Embora o estudo histórico sobre essa civilização indígena seja limitado por diversos motivos, como o baixo número de fontes legadas ao presente, assim como, em função das barreiras linguísticas e semânticas que impedem a leitura das fontes remanescentes pela maioria dos historiadores, neste subcapítulo serão abordadas as informações basais que descrevem e representam com fidedignidade, por meio de trabalhos historiográficos os principais elementos conhecidos que compuseram a extraordinária e opulenta existência da Tríplice-Aliança mexicana.

Primeiramente, em termos de cronologia, faz sentido situar historicamente as diferentes periodizações relativas à existência das diferentes sociedades indígenas no continente americano. Assim, a periodização comumente utilizada nos estudos históricos considera a divisão das eras em: “Pré-Clássico (2000 a.C. a 300 d.C.); Clássico (300 a 909 d.C., subdividindo-se em Clássico Tardio, de 600 a 800 d.C., Clássico Final, de 800 a 909 d.C., e um período de transição chamado Clássico Terminal, de 800 a 1050 d.C.); Pós-Clássico (1050 a 1521 d.C.)” (Navarro, 2024, p. 44).

Esta delimitação periódica baseia-se não somente na relação temporal estabelecida pela formação da sociedade asteca, mas convém a outras distintas formas de organização social indígena que emergiram e prosperaram na América até onde se tem conhecimento¹⁴. Entretanto, para fins de pertinência ao objetivo pré-estabelecido para este subcapítulo, o enfoque será dado ao desenvolvimento exclusivamente da sociedade asteca. Nesse sentido, cabe compreender a origem conhecida dos povos *nahuas*. Diante disso, organização política dos astecas foi, sem dúvidas, um dos fatores determinantes para atingimento de seu apogeu durante o Pós-Clássico. Entretanto, as bases políticas dos astecas, ou mexicas – expressão utilizada pelos próprios astecas para se referir ao seu povo – foi uma construção histórica desenvolvida sob a pressão para autoafirmar-se e proteger-se diante das outras sociedades indígenas com maior poder e influência na região, sobretudo, a partir do século XIV.

A origem etimológica do nome “asteca” advém da posição geográfica de sua sociedade durante a chamada era das “civilizações clássicas” da Mesoamérica, que ocorreu por volta do

¹⁴ Navarro (2024) fala do uso da cronologia, especificamente, para se referir ao desenvolvimento dos povos maias na Mesoamérica, abordando o período Pré-Clássico enquanto o momento em que os maias atingiram um nível de sofisticação elevado, notório através da arquitetura remanescente presente em cidades como *El Mirador* e *Nakbé*, ao passo em que, designa a o ano de 1521 como o marco final do período Pós-Clássico devido ao encontro que se deu entre ibéricos e os últimos maias.

primeiro milênio da Era Cristã, quando as sociedades ameríndias que vivenciavam o seu apogeu eram os maias, os zapotecas, os nativos de *El Tahín* e de Teotihuacán. Nesse contexto, os astecas se localizavam em Aztlán (região noroeste do atual México) e eram denominados à época como *azteca chichimecas* que significa “bárbaros de Aztlán” (Soustelle, 2002). Notadamente, sobre a denominação “asteca” é correto afirmar que:

O que chamamos de asteca, na verdade, é um grande número de povos que falavam a língua nahuatl (ainda viva) e que compartilhavam traços culturais semelhantes, como o cultivo de milho e o culto a deuses, e eram unidos por traços de parentesco, como os chichimecas. A documentação escrita evidencia que os astecas chamavam a si mesmos de “mexicas” ou “povo de Mexi”, palavra que hoje dá nome ao país onde habitaram, o México (Navarro, 2024, p. 88).

No ano de 1111, os astecas iniciam uma jornada migratória a partir de Aztlán, influenciados pelo sacerdote Huitzilopochtli, devido a problemas de abastecimento populacional e pela sua própria condição de subserviência para com outra etnia indígena (Santos, 2002, p. 69-70). Em 1318, a cidade de Texcoco, sede do povo que posteriormente foi aliado dos astecas e compuseram a chamada Tríplice Aliança, fora fundada e desenvolveu-se rapidamente, adquirindo suas próprias características políticas, tornando-se um centro comercial e cultural de grande impacto entre os ameríndios. Paralelamente, os mexicas enfrentavam problemas com a sua própria paragem, uma vez que o seu assentamento ocorreu tardiamente e, em 1320, a etnia dos tepanecas de Azcapotzalco tramaram uma violenta incursão militar que enfraqueceu a infantaria e o povo *nahua*, que foi submetido ao confinamento, sob a tutela dos culhuacanos numa região descrita como inóspita e cheia de serpentes. Posteriormente, sua força foi utilizada em favor de Culhuacán – que detinha grande parte das demais etnias subjacentes como tributárias – contra os habitantes de Xochimilco, outra poderosa sociedade indígena pertencente ao mosaico étnico mesoamericano, resultando em vitória para os aliados e na libertação dos mexicas, que passaram a habitar a maior ilha presente no lago de Texcoco (Escalante Gonzalbo, 2011).

Nesse aspecto, é comum encontrar em obras históricas e historiográficas que falem sobre os povos astecas, a origem de Tenochtitlán como predestinação advinda a partir de uma visão divina que recaiu sobre o seu *tlatoni* Quauhcóatl (Serpente-Águia), esta visão teria sido responsável por revelar a localização exata onde os astecas deveriam edificar a sua cidade, assentando-se definitivamente, e fundando a cidade de Tenochtitlán em 1325.

Entre as fontes que nos permitem afirmar esse aspecto da cultura asteca, existem os chamados códices, que podem ser definidos como livros extensos com uma densidade de descrições, desenhos e pinturas sobre diversos elementos e contextos históricos vivenciados pelos astecas, embora sua autoria seja atribuída aos europeus, que produziram os códices em

espanhol com a participação dos *nahuas*, geralmente visando mapear seus costumes para facilitar os processos de evangelização e civilização. Dentre os códices mais comumente utilizados nas obras historiográficas, destacam-se, o “Códice Burbônico (Biblioteca da Assembleia Nacional Francesa), o Códice Bórgia (Biblioteca Apostólica Vaticana)” (Navarro, 2024, p. 117), o “Códice Mendonza (Biblioteca Bodleiana)” (Navarro, 2024, p. 117). e o “Códice Florentino (cópia original perdida)” (Navarro, 2024, p. 117).

Especificamente sobre a profecia da fundação de Tenochtitlán, sabe-se que o local predestinado à abrigar os mexicas após sua longa jornada migratória desde Aztlán, se daria quando avistassem uma águia devorando uma serpente em repouso sobre um cacto. Nesse sentido, o Códice Mendonza, encomendado pelo primeiro vice-rei da Nova Espanha, Antonio Mendonza, fornece entre suas páginas, uma ilustração (figura 02) que representa desde a profecia se cumprindo até a habitação dos povos na localização designada, assim como o que parece representar o lago de Texcoco em azul e a ilha onde fora fundada a capital asteca.

Ainda assim, Santos (2002, p. 75) discorre que a profecia ou visão que delimitaria o espaço destinado à construção da cidade asteca não incidiu numa unanimidade receptiva entre os astecas, uma vez que, um grupo dissidente, por volta de 1338 fixou-se aos arredores do lago de Texcoco e fundou a cidade de Tlatelolco. Com duas vertentes astecas ocupando espaços que paulatinamente tornaram-se referências comerciais, culturais e, sobretudo, políticas, fez necessária a definição de legítimas linhagens governamentais entre os *tlatoani* dessas respectivas cidades. A partir dessa necessidade, foram eleitos Acamapichtli para liderar Tlatelolco e Cuacuauhpitzahuac incumbido pela liderança de Tenochtitlán.

Figura 2: Fundação de Tenochtitlán no Códice Mendonza.



Fonte: Códice Mendonza (Biblioteca Bodleiana).

Posteriormente, a sofisticação política dos astecas é desenvolvida, porém, falar de uma política centralizada é ignorar uma importante faceta do universo mesoamericano: a Tríplice Aliança. Essa modalidade tripartite governamental foi composta pelos líderes, Nezahualcoyotl, representando o povo acolhua de Texcoco, Totoquihuatzin representando os tepanecas de Tlacopan e Itzcoatl representando os mexicas de Tenochtitán, com sua origem datada desde a Guerra Tepaneca. Esse conflito se deu em decorrência da crise sucessória acarretada com a morte de Huei Tezozomoc, em 1427, líder de Azcapotzalco, “[...] *cuya consecuencia supuso un cambio radical en la organización política del Valle, ya que los oprimidos vieron que era el momento propicio para intentar ser libres y pusieron en práctica los planes que debieron estar 'rumiando' durante mucho tiempo*” (Bueno Bravo, 2005, p. 32).

A partir desse momento, o jogo político definiu que os vencedores da guerra usufruiriam da hegemonia no Vale do México numa coexistência tricéfala encabeçada pela capital asteca, sobretudo, em função de seu potencial militar superlativo aos demais. Dentre as características que se têm conhecimento relativas ao aparato militar, destaca-se a *macuahuitl*, uma espécie de bastão recoberto com lâminas de obsidiana vulcânica, além de resistentes escudos compostos por várias camadas de algodão, conforme se observa na seguinte figura extraída do Códice Florentino¹⁵, um documento colonial encomendado por Bernardino de Sahagún em parceria com anciãos, autores e artistas *nahuatl*.

¹⁵ Fonte: <https://florentinecodex.getty.edu/> (Códice Florentino Digital).

Figura 3: Guerreiros mexicas numa expedição de conquista no Códice Florentino.



Fonte: Códice Florentino (Códice Florentino Digital).

Ainda, ao conceder forma à Confederação Asteca, assim denominada em função dos três povos aliados que a compõem e por ser chefiada pelos astecas, tal aliança conferia aos povos uma autonomia do ponto de vista cultural, social e político, visto que, cada etnia possuía suas dinâmicas e características próprias, porém, permaneceriam ligadas por um compromisso de ajuda recíproca entre os seus membros, assim como, doravante, as rotas comerciais, os antigos povos anexados pertenceriam à Tríplice Aliança, de modo que suas identidades particulares poderiam ser preservadas com cordialidade (Escalante Gonzalbo, 2011). Com efeito, as mudanças na sociabilidade entre os ameríndios triunfantes seriam notáveis, não sendo tributários de nenhuma outra etnia, nem sendo subjugados por outrem, e principalmente no que concerne à participação política e submissão dentro da lógica dos povos aliados:

Ahora, por el hecho de ser uno de los tres miembros principales de la Alianza, automáticamente adquirirían el status jurídico de hueitlatocayotl¹⁶. Esto implicaba que el resto de los tlatocayotl¹⁷, que les correspondieran en el reparto, quedaban subordinados a ellos, pudiéndoles controlar políticamente al intervenir, incluso en la elección del tlatoani, aunque no fuera de forma directa (Bueno Bravo, 2005, p. 34).

Nesse prisma, o que sucederá entre 1428 e 1519 será uma expansão próspera entre os aliados, que será marcada pela subjugação de populações adjacentes e imposição da prática tributária – semelhante àquela que envolvia anteriormente todos povos que compõem a Tríplice Aliança – que será determinante para gerar a insatisfação, temor e deferência entre as populações indígenas subjugadas, da mesma forma que gerou anteriormente e incidiu na formação dos aliados, e que, aparentemente, representa uma prática muito comum de relação entre as diferentes etnias.

Em termos de economia, a tributação representava grande parte dos rendimentos e provisões anuais, constituindo uma riqueza imponente e uma economia próspera com vistas à ostentação de gemas e metais preciosos, tecidos, animais, mercados bem abastecidos e diversos artefatos regionais. À guisa de exemplo, a província de Tuxtepec

¹⁶ Significa “autoridade de governo” em *nahuatl*.

¹⁷ Significa “senhorio” ou “reino” em *nahuatl*.

[...] era obrigada a enviar a Tenochtitlán uma vez ao ano 24 mil plumas de araras e papagaios, 16 mil bolas de borracha, 80 ramos de plumas da ave quetzal e uma grande quantidade de joias de ouro e de cristal de rocha. Já a cidade de Quauhnahuac contribuía duas vezes ao ano, e enviava para a capital 3.200 fardos de algodão, 400 trajes masculinos e 400 femininos, 400 tangas, diversas roupas cerimoniais, 8 mil resmas de papel, 2 mil vasos cerâmicos. Com tais exemplos, é possível ter uma ideia do quão oneroso era para as áreas conquistadas obter os materiais e confeccionar os produtos, e como era poderoso o domínio asteca (Navarro, 2024, p. 100-101).

Nesse sentido, entre as localidades conquistadas e sob o julgo da Tríplice Aliança, Gonzalo fornece este interessante panorama:

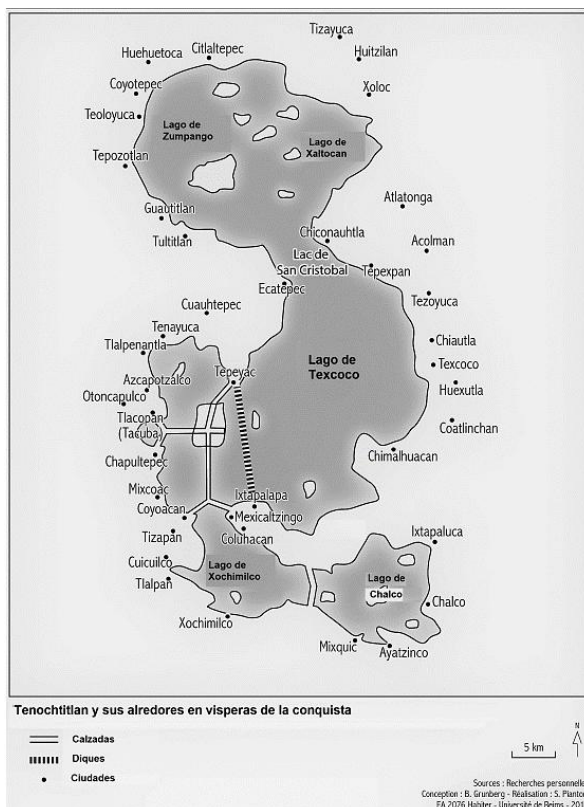
[...] *Esto quiere decir que, además de pagar tributo, tales señoríos sufrían la injerencia política de los tlatoanis aliados, quienes llegaban a nombrar nuevos gobernantes aunque así alteraran la línea de sucesión local. Los principales señoríos dependientes de Tenochtitlan eran Ecatepec, Tenayuca, Mexicalcingo, Huitzilopochco (Churubusco), Iztapalapa, Culhuacán, Xochimilco, Cuitláhuac y Mízquic. De Texcoco dependían directamente Huexotla, Coatlinchan, Chimalhuacán, Otumba, Tepetlaóztoc, Acolman, Tepechpan, Tezoyuca, Chiconautla, Tulancingo, Cuauhchinango (Cuauhchinanco), Xicotépec, Pahuatlán y Tlacuilotepec. Finalmente, Tlacopan (Tacuba) ejercía un dominio directo sobre los señoríos de Azcapotzalco, Ocoyoacac, Coyohuacan (Coyoacán), Atlacahuayan (Tacubaya), Cuauhtitlán, Tultitlán, Tepozotlán, Huehuetoca, Tzompanco (Zumpango), Tula, Atitalaquia, Tezontepic, Mizquiyahuala, Itzmiquilpan, Apazco, Atotonilco, Itzuintlapilco, Hueypuchtla. Como se ve, el dominio directo de Tenochtitlan se expresaba principalmente en localidades lacustres y de la zona sur del valle; Tlacopan tenía una influencia decisiva en la zona otomí, al oeste y noroeste del Valle de México, y Texcoco controlaba varias localidades del este y noreste del valle, hasta llegar a la bocasierra de Puebla e Hidalgo* (Escalante Gonzalo, 2011, p. 27).

A religião também constitui um elemento-chave para o entendimento da cosmovisão e o estabelecimento das relações que os mexicas cunhavam entre si e com os outros. Nesse aspecto, os astecas eram politeístas, com um panteão expressivo e variado, os deuses mais frequentemente cultuados eram Tezcatlipoca, Quetzalcoatl, Xipe Totep, Tláloc, Mictlantecuhtli, Coatlicue e Huitzilopochtli. Seus deuses geralmente representavam elementos da natureza personificados, apresentando corpos animais e histórias que remontam à vida cotidiana vivenciada pelos seres humanos na Mesoamérica, além disso, os mexicas possuíam uma clara postura de assimilação dos deuses de outras culturas para o seu panteão, expressando um forte sincretismo ocorrido entre as diferentes sociedades que coabitavam o Vale do México (Navarro, 2024, p. 108).

Dessa forma, a sociedade asteca de Tenochtitlán caminhou a passos largos em direção ao seu apogeu político-econômico, que ocorreu em menos de cem anos, durante o período Pós-Clássico tardio, baseado na aliança cordial com as outras duas principais cidades da região mesoamericana, anexando diversos povos sob o seu julgo, recolhendo dessas etnias os tributos anuais que comporiam sua riqueza, assim como, recolhendo as vidas dos indígenas subjugados para a realização de ritos sacrificiais para a manutenção das crenças que possuíam nas suas divindades. Dessa maneira distribuía-se no Vale do México no momento da chegada dos

estrangeiros invasores vindos da Península Ibérica, um mosaico étnico absolutamente plural em termos de cultura, organização política, conhecimentos diversos, arquitetura sofisticada, sistemas de sociabilidade, tributação, rotas de comércio e exércitos capacitados numa progressão que tendia à hegemonia pela força.

Figura 4: Lago de Texcoco nas vésperas da Conquista.



Fonte: *Alrededores de Tenochtitlán* (Grunberg, 2021, p. 69).

3.2. A historiografia sobre a conquista de Tenochtitlán

No que concerne ao conceito de representação, o renomado historiador Roger Chartier (2002) reflete sobre a representação de testemunhos dos acontecimentos relativos às sociedades marcadas pelo Antigo Regime – sobretudo, as sociedades europeias –, nestas, Chartier afirma que os discursos transmitidos através das escrituras são moldados e construídos, principalmente com a diretriz de suplementar a ordem monárquica estabelecida, à medida em que reconhece e privilegia visões alinhadas ao monarquismo e põe em posição de desprestígio ou invisibiliza ao invalidar as demais versões existentes no seio dessas sociedades. Além disso, afirma que o caráter de representação possui, a partir da historiografia recente, dois sentidos:

Uma dupla via é assim aberta: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas por aqueles que têm poder de classificar e de nomear e a definição, submetida ou resistente, que cada comunidade produz de si mesma; a outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito concedido à representação que cada

grupo faz de si mesmo, portanto, à sua capacidade de fazer com que se reconheça sua existência a partir de uma exibição de unidade (Chartier, 2002, p. 73).

Chartier analisa nesta mesma obra, a mudança das proposições teórico-metodológicas da ciência história ao tentar renovar suas bases e permanecer legítima no cenário científico mundial. Além disso, essa mudança foi acompanhada da tentativa de se produzir uma história global, isto é, um estudo histórico que compreenda as diversas populações, classes sociais, agentes históricos e suas particularidades para a estruturação dos processos históricos vivenciados pela humanidade. Esse contexto de renovação da ciência história, embora tenha impacto a emergente História Cultural, foi determinante para o questionamento, também, da História Econômica, da História Política e da História Social com vistas à abrangência de suas discussões para além dos personagens em evidência nos processos históricos, como grandes líderes políticos, conquistadores, líderes rebeldes, ou mesmo, o enfoque outrora dado somente aos grandes eventos históricos dos quais participaram as elites, e que excluía quaisquer possibilidades de consideração e de reconhecimento da historicidade das classes ou grupos populares. Neste subcapítulo, serão apresentados os dados da conquista de Tenochtitlán, assim como, serão arrolados para a discussão os principais modelos historiográficos reproduzidos, assim como os seus impactos para a relação entre a memória e a historicidade dos povos astecas e das demais populações indígenas mesoamericanas impactadas pelas incursões ibéricas ocorridas no México a partir do século XVI.

O descobrimento, invasão ou ocupação das Américas tem como ponto de partida o ano de 1492, marco em que o navegante genovês Cristóvão Colombo se estabelece na região do arquipélago das Antilhas, “[...] A partir desta data, o mundo está fechado [...] Os homens descobriram a totalidade de que fazem parte. Até então, formavam parte sem todo” (Todorov, 1982, p. 06). Entretanto, embora a historiografia tenha conferido a Colombo o mérito pelo suposto primeiro contato com o Novo Mundo, é imprescindível salientar que, com base nas fontes estudadas por uma historiografia recente, é possível afirmar que, um coletivo valente de vikings escandinavos chefiados por Érico, o Vermelho, no contexto de uma expansão migratória, atingiram à Groelândia por meio de suas habilidades de navegação, aproximadamente ao fim do ano mil, ao passo em que, no início do século XI, Leif Eriksson e seu grupo de normandos (“homens do norte”, como eram denominados) avançaram nas terras americanas até, provavelmente, os rios do atual território do Canadá, todavia, teriam sido expulsos daquelas terras pelos nativos ameríndios, fazendo com que a conquista dessa região se encerrasse em pouco tempo sem grandes impactos históricos para ambos os povos envolvidos (Baschet, 2004, p. 51-52).

Nesse sentido, pode-se considerar a conquista e a colonização da América Espanhola, iniciadas no final do século XV com a chegada do genovês Cristóvão Colombo às Antilhas, enquanto uma segunda incursão exploratória do continente, esta, por sua vez, descrita pelo renomado historiador e hispanista John Huxtable Elliott enquanto parte de um processo de longa duração que perdura até os dias atuais. Em se tratando de um vasto território continental marcado pela forte presença de populações indígenas, os conquistadores espanhóis tiveram que planejar a investida em duas expedições de conquista responsáveis pela destruição do poder centralizado de dois importantes impérios dominantes de populações indígenas subjugadas tanto nos Andes pelos incas – expedição chefiada pelo conquistador espanhol Francisco Pizarro –, quanto na Mesoamérica pelos astecas – expedição chefiada por Hernán Cortés (Elliott, 2004). A respeito do termo Mesoamérica, é correto afirmar que:

O termo Mesoamérica foi utilizado pela primeira vez por Paul Kirchhoff, em 1943, o qual desenvolveu esse conceito com base nas reflexões de outros estudiosos que desde o século XIX se dedicavam aos estudos das antigas civilizações do México e da América Central. Kirchhoff definiu um conjunto de características que eram partilhadas por diversos povos que habitavam partes do México e da América Central, ou seja, apesar de uma série de particularidades locais que distinguiam, por exemplo, os maias dos zapotecos, Kirchhoff percebeu que ambos partilhavam de características culturais fundamentais, que os ligavam a uma grande família cultural e histórica (Santos, 2002, p. 40).

Sobre o colapso da Confederação Asteca, apesar do que comumente foi repercutido pela historiografia tradicional – esta, por sua vez, fortemente influenciada pelas narrativas “oficiais” cunhadas pelo conquistador Cortés por meio de suas cinco *cartas-relaciones* destinadas ao rei Carlos V –, amplamente difundidas a partir do uso da prensa, em que o conquistador espanhol discorre sobre a efetivação do arco de conquista responsável por estabelecer a hegemonia espanhola sobre os povos indígenas e às terras mesoamericanas por meio da destruição do imperador asteca Montezuma e de sua elite mexicana, na realidade, não foi um processo protagonizado por Cortés, tampouco, foi fruto de suas ações unilaterais, como fez crer por meio de suas *cartas-relaciones* escritas entre os anos de 1519 e 1520, período em que ocorre a queda da Confederação Asteca (Restall, 2006).

Todo esse arco de conquista pode ser dividido, de acordo com o historiador Eduardo Natalino dos Santos a partir de quatro fases, sendo elas, “*Primeira fase: alianças e contatos prévios à entrada dos castelhanos, tlaxcaltecas e totonacas em México-Tenochtitlán* (fevereiro a novembro de 1519)” (Santos, 2014, p. 221), “*Segunda fase: convidados em México-Tenochtitlán* (novembro de 1519 a junho de 1520)” (Santos, 2014, p. 222), “*Terceira fase: recomposição das tropas e ampliação das alianças encabeçadas pelos castelhanos e tlaxcaltecas* (julho de 1520 a princípios de 1521)” (Santos, 2014, p. 222) e “*Quarta fase: sítio*

a *México-Tenochtitlan* (maio a agosto de 1521)”(Santos, 2014, p. 223). Assim, Cortés, em sua expedição de conquista partindo das Antilhas em 1519, angariou o amplo apoio de guerreiros de origem ibérica residentes na ilha de Cuba em que Diego Velázquez, pela graça da Coroa de Castela tornou-se governador, sendo convocados e convencidos a embarcar sob a promessa de butim.

A los pocos días llega a la isla de Cozumel, donde pasa revista a sus tropas. Tiene 508 soldados, entre ellos 32 ballesteros y 13 escopeteros, 109 marineros repartidos en 11 barcos, 16 caballos, diez cañones de bronce, 200 indios de Cuba, varios negros (libres y esclavos) y algunas mujeres (Grunberg, 2021, p. 56).

Ao aportar em Cozumel, Cortés incorpora à sua causa o espanhol Gerónimo de Aguillar, um antigo missionário que naufragou aproximadamente em 1511 e que foi mantido sob cativo pelos nativos, mas que, em virtude da temporada que conviveu entre os nativos, aprendeu o idioma maia, servindo, doravante, como intérprete ou “língua” para Cortés e intermediando as relações de sociabilidade entre os ameríndios e os ibéricos (Grunberg, 2021). Na sequência, em Yucatán, aproximadamente em março de 1519, deparou-se com os povos nativos de *Potonchán*, população com a qual estabeleceu um violento conflito, resultando na rendição do povo por meio da concessão de presentes de trégua dos nativos para com os espanhóis. Entre esses presentes, constavam mulheres indígenas como Malinche, nativa conhecedora de diferentes línguas faladas pelos povos mesoamericanos, sobretudo, interessante à causa de Cortés por ser conhecedora do idioma *nahuatl*. Por ter se aliado à Cortés como sua intérprete, conselheira e amante, Malinche se constitui enquanto uma evidência indispensável à historiografia acerca da compreensão da dimensão que viabilizou a conquista espanhola sobre os astecas, pois por meio do estabelecimento de contato oral entre os emissários astecas e os guerreiros espanhóis, foi possível identificar e intermediar ações e interesses entre ambos os lados (Fernandes, 2022). É nesse contexto, em julho de 1519, que Cortés escreve e envia a sua primeira *carta-relación* para o rei Carlos V.

No tocante à Malinche ou, ainda, Dona Marina (nome de batismo concedido à ela pelos espanhóis), é notável por meio dos últimos trabalhos produzidos, o esforço historiográfico em posicionar e conferir historicidade à esta personagem histórica, uma vez que, a contribuição servil por via linguística de Malinche, compara-se – e por vezes, supera – a contribuição de Gerónimo de Aguilar, um franciscano que após um naufrágio ocorrido em 1511, incorporou-se ao povoado de Cozumel, onde aprendeu a se comunicar usando a língua nativa e, mais tarde, em 1519, ofereceria seu conhecimento à expedição de conquista empreendida por Cortés. Assim, “*Ambos formaron, sin tardanza, un equipo muy capaz, lo suficientemente capaz como para permitir a Cortés entender las complejas intrigas políticas y la inquietud existente entre*

las diversatribus sometidas al dominio azteca” (Franco, 2005, p. 255). Isso não significa, todavia, que Malinche, na posição de sujeito histórico resgatado pela historiografia contemporânea, esteja isenta de reflexões acerca do papel crucial para simbologia da multiculturalidade presente em sua jornada histórica: *“La Malinche como "primer ejemplo" y "símbolo" de la mezcla de culturas (y de la moderna multiculturalidad), es pasar con excesiva prisa por encima de la violencia epistémica y real que supone esa simbolización”* (Franco, 2005, p. 253).

Figura 5: Malinche intermediando o contato entre Cortés e os tlahtohqueh.



Fonte: Códice Florentino (Códice Florentino Digital).

Não obstante, Malinche e Aguilar, por mais importantes que tenham sido para a interpretação dos diálogos entre indígenas e europeus, não foram a única condição necessária para a efetivação da conquista. Cortés e seus homens, ao estabelecerem contato com o cacique de Cempoala, conhecido como Cacique Gordo, são bem recebidos e prontamente informados sobre a situação de subjugação ao qual estes eram submetidos pelos astecas de Tenochtitlán e seu soberano Montezuma, tendo que custear tributos materiais e humanos (como oferendas sacrificiais) (Fernandes, 2022). A partir da aliança forjada com estes povos indígenas diferentes dos astecas, Cortés e seus guerreiros marcham até Tenochtitlán, onde são recebidos pela elite mexica, onde ocorre o enfático encontro entre o imperador indígena e o conquistador espanhol, resultando na recepção e hospedagem cordial da parte de Montezuma para com os homens de Cortés.

Figura 6: Encontro de Montezuma e Hernán Cortés.



Fonte: Juan Correa, século XVII (Banco Nacional do México).

Por conta da magnitude do episódio do encontro entre Montezuma e Cortés, ocorrido na chegada de Cortés à capital asteca, uma gama de suposições foram levantadas pelos que não puderam contemplar esta cena. Restall (2019, p. 119-121) discorre que o encontro emblemático foi repleto de apêndices discursivos, sendo o mais comumente repercutido entre eles, aquele que versa sobre Montezuma ter projetado no conquistador a divindade pertencente ao panteão asteca, Quetzalcoatl (Serpente Emplumada). Em seu estudo, Restall afirma que entre as cartas de Cortés, não há nenhum registro que isso tenha ocorrido, assim, atribui entre os responsáveis por esse mito colonial, os espanhóis Francisco de Aguillar e Francisco de Cervantes de Salazar, ao afirmarem em suas crônicas que não somente, Montezuma havia recebido Cortés ao pensar que se tratava do retorno personificado de Quetzalcoatl, mas também, que a população asteca o afirmara. Adiante, Restall, também afirma que em algumas fontes é possível observar Cortés sendo recebido não como Quetzalcoatl, mas como a divindade Huitzilopochtli, atribuição dada ao vice-rei Antonio de Mendonza, porém, seus colaboradores indígenas da *Historia de las cosas de la Nueva España* elegeram Quetzalcoatl enquanto uma escolha editorial mais apropriada. Nesse sentido, não há fontes que afirmem a verdade sobre este mito da colonização, sendo considerado, portanto, um dos muitos instrumentos utilizados pelos conquistadores para justificar a supremacia sobre os astecas e explicar a conquista

Posteriormente, Cortés, ao inserir-se com sua armada no interior da capital asteca, aproveita sua estadia tanto para registrar as características da população e do ambiente urbano em sua segunda *carta-relación*, quanto para estudar estratégias que poderiam levar os seus aliados à vitória – que nesse contexto, significa tomar a cidade, libertar os indígenas do subjugo de Montezuma e explorar seus recursos. Todavia, enquanto era hóspede de Montezuma, soube

por meio dos emissários de Montezuma que alguns navios haviam aportado em San Juan¹⁸, conforme alega em sua segunda *carta-relación*:

[...] *Y pasados estos quince días, vinieron asimismo otros indios vasallos que no del dicho Mutezuma, de los cuales supe que los dichos navíos estaban ya surtos en el dicho puerto de San Juan y la gente desembarcada, y traían por copia, que había ochenta caballos y ochocientos hombres y diez o doce tiros de fuego, lo cual todo lo traía figurado en un papel de la tierra, para lo mostrar al dicho Mutezuma. Y dijéronme cómo el español que yo tenía puesto en la costa y los otros mensajeros que yo había enviado, estaban con la dicha gente, y que les habían dicho a estos indios que el capitán de aquella gente no los dejaba venir, y que me lo dijese [...]*

[...] *supe cómo el armada y gente que en el dicho puerto estaba, era de Diego Velázquez, que venía por su mandado, y que venía por capitán de ella un Pánfilo de Narváez, vecino de la isla Fernandina. Y que traían ochenta de caballo y muchos tiros de pólvora y ochocientos peones; entre los cuales dijeron que había ochenta escopeteros, y ciento y veinte ballesteros, y que venía y se nombraba por capitán general y teniente de gobernador de todas estas partes, por el dicho Diego Velázquez. Y que para ella traja provisiones* (Cortés, 2013, p. 86-87, grifos nossos).

Ao obter êxito em sua missão de conter o avanço dos guerreiros de Velázquez, Cortés esperava que os problemas teriam cessados até segunda necessidade, não foi o que aconteceu. Pedro de Alvarado, um dos homens da companhia de Cortés, inicia um massacre aos astecas em 30 de julho de 1520. Algumas bibliografias expõem que sua intenção teria sido a de chefiar a conquista, aproveitando-se da ausência do seu líder espanhol, outras, afirmam que Alvarado reagiu após uma manifestação religiosa asteca, com suspeitas de ataque partindo dos próprios *nahuas*. Qualquer que tenha sido a verdadeira motivação do massacre, as consequências seriam inestimáveis para a história. Do rompimento da confiança e cordialidade entre a elite asteca e os aliados espanhóis e nativos, instaura-se um conflito que ceifou a vida tanto de guerreiros espanhóis e de seus aliados indígenas, quanto a do magnífico imperador asteca Montezuma e uma parcela da população mexicana, evento que ficou conhecido como *noche triste* (Elliott, 2004). Nesse sentido, León-Portilla (1987) redigiu uma louvável obra sobre a conquista do México ressaltando, antes de tudo, a visão indígena dos acontecimentos a partir de fontes remanescentes, como cantigas, textos e códices. Dentre esses, este fragmento representa a visão de um nativo em Tlatelolco, discorrendo sobre a fuga dos espanhóis e morte de Montezuma no desenrolar da *noche triste*:

A noite triste

Em consequência de tais fatos, saíram (os espanhóis) logo de noite. Na festa de Tecuilhuítl saíram; foi quando morreram no Canal dos Toltecas. Furiosamente ali os atacamos.

Quando de noite saíram, primeiramente concentraram-se em Mazatzintamalco. Ali foi o ponto de encontro deles quando saíram de noite. Ano 2-Pedernal. Foi quando morreu Motecuhzoma; no mesmo tempo também morreu o Tlacocheátl de Tlatelolco, Itzcohuatzin. Quando se foram (os espanhóis), estabeleceram-se em Acueco. Foram expulsos dali. Abrigaram-se em Teuhcalhueyacan. Dirigiram-se para Zoltépec. Dali

¹⁸ Entrepósito espanhol criado por Juan de Grijalva em sua expedição ao litoral mexicano, em 1518.

partiram, foram abrigar-se em Tepotzotlan. Dali saíram, foram abrigar-se em Citlaltépec; dali foram se estabelecer em Temazcalpan. Seus habitantes saíram ao seu encontro: lhes deram galinhas, ovos, milho em grão. Ali descansaram. Por fim se refugiaram em Tlaxcala. Então se espalhou a epidemia: tosse, grãos ardentes que queimam (León-Portilla, 1987, p. 33-34).

Nesse sentido, adotando esta passagem como objeto de análise, é possível extrair que Cortés não estava tão confortável em sua posição de liderança, as situações fugiam ao seu comando, seus inimigos despontavam de todos os lados, seus aliados morriam e seus recursos eram limitados, sua infantaria somente seria fortificada no ano seguinte devido aos prejuízos da *noche triste*. E no final das contas, suas cartas não revelam a verdade, o conquistador nunca teve controle sobre os desdobramentos da conquista que liderou.

O que se sucedeu depois é outro mistério: ou Montezuma morreu por ter sido apedrejado pela multidão, ou foi morto pelos próprios espanhóis e seus aliados, em outro descontrole diante de uma situação que lhes fugia o domínio. Mais uma vez, as fontes são divergentes e jamais saberemos exatamente o que se passou, mas algo é inegável: Cortés jamais controlara a situação. Quase nenhum passo seu na Conquista foi como ele narrou em suas Cartas de Relação (Fernandes, 2022, p. 71).

Em 13 de agosto de 1521, após 14 meses de sítio estabelecido por Cortés, seus milhares de aliados indígenas oriundos das populações subjugadas e mais centenas de guerreiros espanhóis, a resistência guerreira de Tenochtitlán é finalmente sobrepujada (Elliott, 2004). Com efeito, a segunda *carta-relación* de Hernán Cortés para o rei Carlos V, redigida em 30 de outubro de 1520 revela que Cortés, ao relatar os acontecimentos vivenciados na Mesoamérica, sempre buscava, primeiramente, exaltar a Coroa e ressaltar sua fidelidade a Deus e ao rei, uma vez que sua expedição foi contrária a decisão do governador da Ilha de Cuba, Diego Velázquez, assim como, vangloriar-se e creditar somente a si, enquanto a espinha dorsal da conquista espanhola sobre os astecas, atribuindo aos seus aliados espanhóis o papel secundário e quiçá, dispensável na efetivação de seus atos de conquista.

Até aqui, descreveu-se a conquista do ponto de vista de uma historiografia recente, caracterizada pela interpretação e descrição dos acontecimentos de maneira imparcial, sem idealizações, sem e conferir protagonismo a nenhum personagem histórico. Entretanto, esta perspectiva imparcial dos fatos, fruto de uma historiografia constantemente revisada e abrangente do ponto de vista da contemplação dos diferentes agentes (grupos e sujeitos históricos) não foi sempre assim.

Na alvorada do século XX, diversas inovações no campo científico, sobretudo, no norte global, foram desenvolvidas, fazendo uma linha tênue entre teoria e método fosse instaurada, visando, com isso, a produção de saberes científicos sistematizados e verificáveis, fatores que preponderaram, principalmente, nos campos das ciências da natureza. Conseqüentemente, é

nesse contexto que as ciências sociais sobressaíram-se após a chamada “crise geral das ciências sociais” e rumaram em direção à adaptação de seus conceitos teórico-metodológicos, ainda, no século em questão, com o objetivo de manter o seu campo científico legítimo diante das inovações emergentes, ensejando uma mobilização frutífera e exitosa para o enriquecimento de sua área do conhecimento, fato que, por extensão, coagiu as ciências humanas – em especial, a comunidade historiadora – a questionar, ponderar e renovar as bases do seu próprio fazer histórico, sob a ameaça de perda em relação ao seu espaço disciplinar, sua credibilidade e quiçá, deixar de existir legitimamente enquanto ciência (Chartier, 2002, p. 61).

Nesse quesito, entre as obras que despertaram grande notoriedade para o campo das ciências sociais, destaca-se a obra *A Memória Coletiva* (2004), autoria do renomado sociólogo Maurice Halbwachs, essa obra discorre sobre como um determinado tecido social compreende e interage com o meio exterior – isso inclui outros grupos sociais, mas também indivíduos e outros países – a partir da memória compartilhada que se apresenta na forma de denominador comum entre os seus membros, e que, “[...] A história pode apresentar-se como a memória universal do gênero humano. Mas não existe memória universal. Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo” (Halbwachs, 2004, p. 86). Dessa maneira, conclui-se que para Halbwachs, a memória coletiva no âmbito de sua existência possui caráter efêmero, que somente pode ser verificável durante o período de existência do próprio grupo que dispõe dela. Paralelamente, Pollak (1992) contribuiu enormemente para discussão sobre os domínios da memória ao anunciar que a memória, ao passo em que pertence a uma coletividade, também constitui um espaço de disputa e manipulação por grupos dominantes, como o próprio Estado, a fim de privilegiar ideias hegemônicas em benefício próprio e que são, conseqüentemente, herdadas, rompendo com o caráter efêmero proposto por Halbwachs.

A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação à memória coletiva, ainda que esta seja bem mais organizada. Todos sabem que até as datas oficiais são fortemente estruturadas do ponto de vista político. Quando se procura enquadrar a memória nacional por meio de datas oficialmente selecionadas para as festas nacionais, há muitas vezes problemas de luta política. A memória organizadíssima, que é a memória nacional, constitui um objeto de disputa importante, e são, comuns os conflitos para determinar que datas e que acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo (Pollak, 1992, p. 204).

É nesse sentido que as apropriações no campo dos estudos coloniais ganharam novas conotações e olhares atentos à chamada “visão dos vencidos”, definitivamente, memória, história e representação estão profundamente imbricadas. A conquista espanhola sobre a Mesoamérica rendeu à historiografia ocidental uma gama de narrativas a serem exploradas e

erigidas pelos historiadores a partir do século XVI até os dias atuais e que, os primeiros historiadores a se debruçarem sobre os acontecimentos ocorridos no bojo da conquista foram unânimes em conceder a Cortés o papel de “herói” da conquista e protagonista responsável por compartilhar com os ameríndios a civilização e o cristianismo. À guisa de exemplo, tem-se o “paradigma de Prescott”, que em linhas gerais é definido pela forma como o historiador inglês William H. Prescott (1796-1859), influenciado por historiadores do século XVI como Antonio de Solís, discorreu sobre a conquista em sua obra *History of the Conquest of Mexico* (1843) – conferindo a Cortés o caráter heroico – consagrando sua obra ao privilegiar tal narrativa. Entretanto, essa historiografia sofre uma forte modificação em meados do século XIX, com a iminência da independência do México, em que, entre os subversivos ao sistema colonial vigorou a busca pelo resgate e rememoração de uma história que privilegiasse a visão dos indígenas vítimas de genocídio, escravidão, opressão pelo estrangeiro espanhol em solo americano, ressaltando e afirmando a partir de alicerces históricos os séculos de violência praticados pelo sistema colonial imposto pela metrópole no contexto de conquista e exploração de suas colônias (Kalil; Fernandes, 2019).

Com efeito, o historiador mexicano Miguel León-Portilla adquiriu grande notoriedade através de sua célebre contribuição à discussão científica sobre os acontecimentos relativos ao contato hispano-americano ocorrido na Mesoamérica nas primeiras décadas do século XVI. León-Portilla, expõe em sua obra *A conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas* (1987), um resgate histórico pautado nas memórias indígenas dos *nahuatl* como fonte principal, abordando assim, a perspectiva asteca da violência ocorrida a partir do contato entre espanhóis e indígenas, denominando esta nova perspectiva como “visão dos vencidos”. Entre as interpretações que faz de suas fontes, León-Portilla remonta aspectos narrativos que abrangem desde a forma como os astecas interpretaram, a partir de sua cosmovisão, a chegada dos estrangeiros espanhóis ou “popolocas” que significa bárbaros, também, explorando fontes que permitem a compreensão da dimensão traumática da conquista legada ao presente por meio de testemunhos, em sua maioria anônimos entre os mexicas, até o momento posterior à conquista, em que a sociedade indígena é coagida ao colonialismo espanhol com vistas ao cristianismo e à civilização de sua gente, fator este responsável pela alienação de sua cultura, religião, política e identidade, “mesmo que apresentem esses povos como não totalmente derrotados no âmbito cultural ou social, pois os elementos modificados de suas culturas e sociedades teriam adentrado na formação do mundo colonial, caracteristicamente um mundo mestiço” (Santos, 2014, p. 220).

3.3. Análise dos aspectos políticos a partir da Segunda Carta de Cortés

Todas as temáticas esmiuçadas neste trabalho convergem para os dilemas da representação dos astecas na segunda *carta-relación* de Hernán Cortés. Datada pelo conquistador em 30 de outubro de 1520, essa carta despertou profundas preocupações ao redor da Europa com o andamento da conquista e, sobretudo, com os novos povos altamente desenvolvidos encontrados pelos espanhóis nas Américas e sobre o futuro da Mesoamérica em relação à Monarquia Hispânica. Nesse sentido, para a efetivação desta análise, serão considerados sete trechos em que Cortés descreve as ações políticas¹⁹ ou relações diplomáticas estabelecidas pelos astecas durante o seu arco de conquista. Os trechos discorrem desde o primeiro contato entre Cortés e os emissários de Montezuma, até o momento em que eclode a rebelião e conflito conhecido como *noche triste*. Para tanto, a análise também é composta por certos momentos de contradição entre o conteúdo da carta, outras fontes coloniais e constatações historiográficas sobre os acontecimentos relativo à expedição de Cortés da Mesoamérica.

Ademais, a intencionalidade de Cortés ao redigir suas cinco cartas-relaciones, conforme discorrido no capítulo 2 deste trabalho, fundamentou-se numa tentativa exitosa de obter méritos e mercês junto à Coroa de Castela por de provações, portanto, o conteúdo de sua carta não pode ter outra abordagem, que não seja baseada na criticidade e problematização, visto que em termos de veracidade, não será possível comprovar, sobretudo, em função da vasta historiografia indiana que se debruçou sobre os eventos discorridos nas cartas de Cortés e conferiu aos acontecimentos outros sentidos e conotações, como a própria crônica de Bernal Díaz de Castillo, que também se tratou de uma densa *probanza* pela sua participação na conquista do Vale do México (Gomes, 2025).

Primeiramente, é importante situar uma característica visceral do documento analisado: a submissão ao rei e ao cristianismo durante todo o contexto, assim, nas primeiras linhas redigidas constam: “*Muy alto y poderoso y muy católico príncipe, invictísimo emperador y*

¹⁹ Para esta análise, o conceito de política utilizado é aquele do qual compartilhamos no mundo ocidental, e que possui origens datadas desde a História Antiga dentro do universo dos filósofos greco-romanos como Platão, Aristóteles, Sócrates, entre outros, e que, apesar das diferenças de alinhamento ideológico entre os citados, refere-se de maneira comum às provisões de cunho administrativo para o governo de uma coletividade, seja ela baseada num regime democrático ou não. A utilização do conceito de política pertencente ao mundo ocidental é adotada em função do infeliz desconhecimento dos termos semânticos e sua expressão simbólica para os *nahuas* acarretado pelos efeitos da conquista, reconhecendo que sua aplicação possui níveis de aplicabilidade devido ao uso de um conceito não partilhado pela sociedade que se pretende estudar, entretanto, Bloch (2002, p. 138) afirma que “Nossa ciência não dispõe, como a matemática ou a química, de um sistema de símbolos completamente separado da língua nacional. O historiador fala unicamente com palavras; portanto, com as de seu país. Acha-se ele em presença de realidades que se exprimiram numa língua estrangeira, morta ou ainda viva? Será obrigado a traduzi-las”.

señor nuestro” (Cortés, 2013, p. 37), evidenciando que, a pesar da insubordinação de Cortés para com Diego Velázquez, sua missão deveria transpassar lealdade à Coroa e a Deus, pois Cortés sabia que o rompimento com esses laços que envolvem todos os homens europeus poderia significar o completo desastre de sua expedição de conquista, ainda que os resultados fossem favoráveis.

Nesse sentido, a primeira menção que Cortés emite sobre os astecas demonstra uma mensagem perturbadora para o pensamento europeu que havia há pouco lidado com indígenas oriundos das Antilhas, isto é, que não possuíam uma densa e complexa organização política. O contexto da mensagem é referente à aliança entre os homens de Cortés e as lideranças indígenas nativas de Cozumel, em que, mais uma vez, Cortés utiliza seu amplo conhecimento retórico para transmitir filiação e serventia ao monarca Carlos V:

[...] y dejé toda aquella provincia de Cempoal y toda a la sierra comarcana a la villa, que serán hasta cincuenta mil hombres de guerra y cincuenta villas y fortalezas, muy seguros y pacíficos y por ciertos y leales vasallos de vuestra majestad, como hasta ahora lo han estado y están, porque ellos eran súbditos de aquel señor Mutezuma, y según fui informado lo eran por fuerza y de poco tiempo acá (Cortés, 2013, p. 38).

[...] Después de haberle hablado de parte de vuestra majestad y le haber dicho la causa de mi venida a estas partes, le pregunté si él era vasallo de Mutezuma o si era de otra parcialidad alguna, el cual, casi admirado de lo que le preguntaba, me respondió diciendo que quién no era vasallo de Mutezuma, queriendo decir que allí era señor del mundo (Cortés, 2013, p. 42-43).

Deste trecho, a representação política se expressa a partir da qualidade de *señor*, que para a época, recém saídos do milênio medieval, significava um homem que exercia influência sobre um senhorio e desempenhava determinados papéis patriarcais sobre uma determinada casta social que dependia de suas terras para a vida e o trabalho, numa envolvente relação feudo-vassálica (Baschet, 2006, p. 165). Nesse sentido, o paralelo traçado pelo conquistador em definir o imperador Montezuma como *señor* pode ter-se dado em função de sua soberania na Mesoamérica, assim como, pode ter sido uma informação traduzida pelos seus “línguas” (Gerónimo de Aguillar ou Malintzin), uma vez que, o processo de interpretação não era efetivo e muitas das informações eram perdidas no ato da tradução, fator que deve ser considerado em todo o escopo desta análise (Restall, 2004).

Estando, muy católico señor, en aquel real que tenía en el campo cuando en la guerra de esta provincia estaba, vinieron a mi seis señores muy principales vasallos de Mutezuma, con hasta doscientos hombres para su servicio, y me dijeron que venían de parte del dicho Mutezuma a me decir cómo él quería ser vasallo de vuestra alteza y mi amigo, y que viesse yo qué era lo que quería que él diese por vuestra alteza en cada un año de tributo, así de oro como de plata y piedras y esclavos y ropa de algodón y otras cosas de las que él tenía, y que todo lo daría con tanto que yo no fuese a su tierra, y que lo hacía porque era muy estéril y falta de todos mantenimientos, y que le pesaría de que yo padeciese necesidad, y los que conmigo

venían; y con ellos me envió hasta mil pesos de oro y otras tantas piezas de ropa de algodón de la que ellos visten (Cortés, 2013, p. 51).

Nesse fragmento, é evidenciado uma das características mais reveladoras sobre o modo de pensar asteca: a diplomacia. Assim, a única condição exigida por Montezuma, segundo a *carta-relación*, diz respeito ao não avanço dos espanhóis rumo às suas terras habitadas, sob o argumento de que se tratava de um terreno inóspito, infértil, e que, portanto, Cortés e seus homens padeceriam fome e outras necessidades. No subcapítulo 3.1 discorreremos sobre a cordialidade da qual disfrutavam as etnias membros da Tríplice-Aliança, entretanto, suas relações com os demais povos da Mesoamérica eram refletidas em utilização e exploração de seus povos e seus recursos para o enriquecimento dos aliados. A diplomacia dos astecas era tanta, que ao serem informados pela sua malha de espias sobre a presença de estrangeiros nas proximidades de suas terras, enviaram emissários com oferendas e falsas informações sobre as terras a Oeste, notadamente, onde localizava-se a opulenta capital Tenochtitlán. Esse aspecto político é confirmado, entre outras fontes, pelo Códice Florentino, com a adição de que, o encontro teria se dado num navio, cenário não descrito por Cortés. Além disso, outra ausência resultante desse contato e que se faz presente no Códice Florentino, se refere aos emissários mantidos como reféns de Cortés.

Figura 7: Emissários de Montezuma presenteiam Cortés.



Fonte:

Códice Florentino (Códice Florentino Digital).

Por conseguinte, os emissários permanecem (cativos ou livres) pelo menos durante vinte dias na tentativa de persuadir o conquistador a não avançar. Para tanto, sugeriram a ida de Cortés a uma cidade que supostamente mantinha boas relações com Montezuma, Churultecal, onde as informações trazidas pelos emissários seriam confirmadas para a certeza do conquistador. Os emissários serão citados em outras passagens, mas, sempre com o intuito de

negociação e persuasão, inclusive direcionando os conquistadores pelos caminhos que lhe aproovessem. O intuito era claro, manter o estrangeiro à vista.

Después de haber estado en esta ciudad veinte días y más, me dijeron aquellos señores mensajeros de Mutezuma que siempre estuvieron conmigo, que me fuese a una ciudad que está a seis leguas de esta de Tascaltecal, que se dice Churultecal, porque los naturales de ella eran amigos de Mutezuma su señor, y que allí sabríamos la voluntad del dicho Mutezuma, sí era que yo fuese a su tierra, y que algunos de ellos irían a hablar con él y a decirle lo que yo les había dicho, y me volverían con la respuesta [...] (Cortés, 2013, p. 52).

Prontamente, após a tentativa falha de persuadirem o conquistador a não avançar aos limites da cidade asteca, ocorre o famoso contato entre Montezuma e Cortés, que é narrado na *carta-relación* do conquistador de maneira detalhada, embora Restall tenha realizado uma importante investigação em sua obra *Cuando Moctezuma conoció a Cortés* (2019), concluindo que há múltiplas versões para o ocorrido que contradizem os detalhes apresentados.

[...] Pasada esta puente, nos salió a recibir aquel señor Mutezuma con hasta doscientos señores, todos descalzos y vestidos de otra librea o manera de ropa asimismo bien rica a su uso, y más que la de los otros, y venían en dos procesiones muy arrimados a las paredes de la calle, que es muy ancha y muy hermosa y derecha, que de un cabo se parece el otro y tiene dos tercios de legua, y de la una parte y de la otra muy buenas y grandes casas, así de aposentamientos como de mezquitas, y el dicho Mutezuma venía por medio de la calle con dos señores, él uno a la mano derecha y él otro a la izquierda, de los cuales el uno era aquel señor grande que dije que me había salido a hablar en las andas y el otro era su hermano del dicho Mutezuma, señor de aquella ciudad de Iztapalapa de donde yo aquel día había partido, todos tres vestidos de una manera, excepto el Mutezuma que iba calzado, y los otros dos señores descalzos; cada uno lo llevaba de su brazo, y como nos juntamos, yo me apeé y le fui a abrazar solo, y aquellos dos señores que con él iban, me detuvieron con las manos para que no le tocase, y ellos y él hicieron asimismo ceremonia de besar la tierra, y hecha, mando a aquel su hermano que venía con él que se quedase conmigo y me llevase por el brazo, y él con el otro se iba adelante de mi poquito trecho (Cortés, 2013, p. 63).

Restall, em sua obra afirma que o ocorrido se passou em 08 de novembro de 1519, e que, as diferentes versões podem ser verificadas no Códice Florentino e na obra de Francisco López de Gómara. Na primeira fonte, é possível compreender que Cortés perguntou se o senhor que o entregou um colar realmente seria o poderoso imperador asteca, o que demonstraria uma evidente insegurança e incerteza da parte de Cortés, enquanto, no segundo, apenas há uma breve saudação entre Cortés, Montezuma e os senhores de Montezuma, ocorrendo, posteriormente, um discurso que se manifesta quando os espanhóis são levados aos seus aposentos para se alimentarem e descansarem (Restall, 2019, p. 127). De fato, qualquer que tenha sido a verdadeira versão do ocorrido, o fato é, o encontro ocorreu, ainda que a versão narrada por Cortés se tornara hegemônica e gloriosa pelo seu próprio engrandecimento.

Não somente, mas também, a permissão e recepção dos estrangeiros ibéricos da parte de Montezuma poderia significar uma gama de possibilidades, ambas políticas. Entre as que

arrisco citar, incluem-se a já evocada vigilância que exercia sobre o seu império tricéfalo, uma vez que, ao manter seus estranhos inquilinos por perto, garantiria que a ameaça fosse neutralizada em sua própria casa, onde gozava do exército mais poderoso entre as etnias mesoamericanas do período Pós-Clássico. Além disso, outra hipótese é que Montezuma tivesse interesses em subjuga-los ou incorporá-los ao modo de vida nahuatl, sabendo que, durante a sua estadia, houve cordialidade e bons tratos recíprocos (pelo menos até o cisma que desencadeou a *noche triste*).

Outro interessante aspecto político da Confederação Asteca presente em sua carta trata-se da extensão de seus domínios, assim como, das práticas bélicas que presenciou ao hospedar-se em Tenochtitlán, mantendo contato direto com o *tlatoani* asteca.

El señorío de tierras que este Mutezuma tenía no se ha podido alcanzar cuánto em porque a ninguna parte, doscientas leguas de un cabo y de otro de aquella su gran ciudad, enviaba sus mensajeros, que no fuese cumplido su mandado, aunque había algunas provincias en medio de estas tierras con quien él tenía guerra (Cortés, 2013, p. 82).

Nesse prisma, evoca-se para essa discussão as chamadas Guerras Floridas, que consistiam numa batalha ritualística entre os astecas e outros povos mesoamericanos, como os tlaxcaltecas, que constituía, por isso, também um aspecto cultural, pois, dependia de uma temporada específica para ocorrer, sendo regimentada por normas e baseada no combate corpo a corpo individual com final fatídico para o perdedor do duelo, funcionando como um costume, mas também, como ritual, ao passo em que, pela superlativa armada asteca, os confrontos observados nas Guerras Floridas seriam facilmente pendidos para o lado *nahua* (Restall, 2019, p. 319).

Dessa outra descrição cunhada após o retorno do conquistador espanhol de sua empreitada de neutralização da frota que trouxe Pánfilo de Narváez até a costa da Mesoamérica, pode-se constatar novamente o potencial diplomático característico da elite asteca. Cortés, em sua carta afirma ter medo de adentrar os muros de Tenochtitlán após saber de um conflito que levou Montezuma a isolar seus aliados espanhóis e indígenas que havia deixado na capital asteca. Ao chegar, Montezuma envia a seu encontro um de seus companheiros espanhóis, assim como, um mensageiro asteca, que prontamente o atualiza da situação, alegando que os espanhóis estão todos vivos, “*excepto por cinco o seis que los índios habían muerto*” (Cortés, 2013, p. 97). Nesse contexto, o mensageiro teria sido enviado para o encontro de Cortés na tentativa de evitar a sua ira para com Montezuma, alegando que o ocorrido fugiu a sua vontade.

[...] Y con el dicho español me envió el dicho Mutezuma un mensajero suyo, en que me decía que ya creía que debía saber lo que en aquella ciudad había acaecido, y que él tenía pensamiento que por ello yo venía enojado y traía voluntad de le hacer algún daño; que me rogaba que perdiese el enojo, porque a él le había pesado tanto cuanto

a mí, y que ninguna cosa se había hecho por su voluntad y consentimiento, y me envió a decir otras cosas para me aplacar la ira que él creía que yo traía por lo acaecido; y que me fuese a la ciudad a aposentar, como antes estaba, porque no menos se haría en ella lo que yo mandase, que antes se solía hacer. Yo le envié a decir que no traía enojo ninguno de él, porque bien sabía su buena voluntad, y que así como él lo decía, lo haría yo (Cortés, 2013, p. 82).

Supondo que, de fato, esse diálogo existiu, Cortés nos estaria informando mais uma vez sobre a capacidade asteca de conciliação e resolução de problemas por meio do diálogo, ainda que intermediado. Os aliados mortos de Hernán Cortés, também, poderiam servir como aviso, ainda que não de maneira intencional, do potencial bélico dos astecas em se defender, mas também, em atacar em caso de necessidade. Ademais, Montezuma, ao enviar em uma canoa seu emissário e um dos companheiros espanhóis de Cortés, suscitaria a confiança que talvez tivesse perdido da parte do conquistador, reafirmando sua capacidade de liderança diante de impasses ou ruídos em sua sociabilidade, fazendo com que Cortés não tivesse outra opção a não ser o de deferir o seu pedido de paz.

No desenrolar da história, os homens de Cortés instauram um grande conflito, que incide no encarceramento de Montezuma, seus filhos e outros indígenas, entretanto, a batalha entre os espanhóis e os *nahuas* nem com isso cessou. Ao contrário, segundo Cortés:

Y el dicho Mutezuma, que todavía estaba preso, y un hijo suyo, con otros muchos señores que al principio se habían tomado, dijo que le sacasen a las azoteas dela fortaleza y que él hablaría a los capitanes de aquella gente y les harían que cesase la guerra. Y yo le hice sacar, y en llegando a un pretil que salía fuera de la fortaleza, queriendo hablar a la gente que por allí combatía, le dieron una pedrada los suyos en la cabeza, tan grande, que de allí a tres días murió; y yo le hice sacar así muerto a dos indios que estaban presos, y a cuestras lo llevaron a la gente, y no sé lo que de él hicieron, salvo que no por eso cesó la guerra, y muy más recia y muy cruda de cada día.

Y este día llamaron por aquella parte por donde habían herido al dicho Mutezuma, diciendo que me allegase yo allí, que me querían hablar ciertos capitanes, y así lo hice, y pasamos entre ellos y mí muchas razones, rogándoles que no peleasen conmigo pues ninguna razón para ello tenía, y que mirasen las buenas obras que de mí habían recibido y cómo habían sido muy bien tratados de mí. La respuesta suya era que me fuese y que les dejase la tierra y que luego dejarían la guerra, y que de otra manera, que creyese que habían de morir todos o dar fin con nosotros. Lo cual, según pareció, hacían porque yo me saliese de la fortaleza para me tomar a su placer al salir de la ciudad entre las puentes. Yo les respondí que no pensasen que les rogaba con la paz por temor que les tenía, sino porque me pesaba del daño que les hacía y del que había de hacer, y por no destruir tan buena ciudad como aquella era (Cortés, 2013, p. 99).

Com esses dois fragmentos que exprimem desde a morte até a tentativa de negociação entre Cortés e as demais lideranças astecas, observa-se que o caráter diplomático estava além da figura do imperador, mas residia num sentimento de união entre os líderes que visavam proteger as suas terras, seu povo e seus domínios, mesmo que isso levasse à morte de todos. Outro fato recorrente nesta fonte, e mencionado por Restall (2004) é sobre a ausência de

informações sobre como, efetivamente, o conquistador mantém contato com os astecas, uma vez que, seus intérpretes, quer seja Malintzin, Gerónimo de Aguillar ou outros, não são mencionados em momento algum e a capacidade de Cortés em se comunicar em *nahuatl* é uma informação sem precedentes. Possivelmente, suas “línguas” o acompanhavam – Restall (2004, p. 129-130), por exemplo, fala que Malintzin era companhia inseparável de Cortés, a ponto de os espanhóis os tratarem como se fossem a mesma pessoa –, porém, não ganharam destaque em sua narrativa, ou, Cortés estaria mentindo sobre os diálogos na tentativa de se promover para o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico e Rei da Espanha Carlos V, como parte da prática da *probanza de mérito* discutida nos capítulos anteriores.

4. CONCLUSÃO

Com base nas importantes discussões efetivadas no escopo deste trabalho, algumas considerações devem ser frisadas em caráter conclusivo. A primeira delas remete ao claro papel de herói da conquista do qual o conquistador Hernán Cortés gozou durante sua vida e em memória durante séculos – ainda que, como visto, sua vida não tenha sido tão bem sucedida quanto sua fama. Esse protagonismo conferido ao espanhol, sobretudo, em função do Paradigma Prescott e pela historiografia tradicional foram fatores determinantes para o silenciamento e apagamento epistemológico de diversas civilizações presentes na Mesoamérica antes da chegada dos invasores ibéricos, resultando no seu posterior resgate historiográfico.

Ademais, a pesquisa evidenciou que as cartas de Hernán Cortés – especialmente a segunda por ser a fonte desta pesquisa – apesar de não representarem um trabalho oficial de produção de crônicas, estava inseridas numa lógica de correspondência entre a colônia e a Monarquia Espanhola, que visava manter o controle sobre suas possessões e garantir a hegemonia sobre seus vassallos ao passo em que distribuía, em contrapartida aos serviços dos seus súditos, mercês e méritos – embora haja indícios de que nunca foram satisfatórios ou proporcionais aos serviços dos peticionários – garantindo a continuidade do seu poder político no além-mar. Essa correspondência é primordial para a compreensão do contexto político, econômico, social e cultural dos europeus durante a expedição de colonização na América, assim como, nos ajuda a compreender o *modus operandi* dos colonos no bojo do contato colonial com outras culturas.

Por fim, a representação dos astecas na segunda *carta-relación* de Cortés foi profundamente atravessada por admiração, espanto, mas também, pela cultura das *probanzas de mérito*, que determinavam, entre outras coisas, a auto promoção dos próprios feitos em busca da aprovação dos méritos e mercês por parte da Coroa Espanhola. Portanto, falar de

representação por meio da escrita na América Espanhola durante o século XVI requer uma atenção redobrada a considerar as dimensões políticas e sociais que permeiam e definem a conjuntura hierárquica que comanda as relações de sociabilidade, ascensão social, serventia, mas também, da necessidade de provação. A sociedade asteca encontrou novos horizontes a partir do século XX com a chamada “visão dos vencidos”, sua historicidade foi resgatada e permanecerá sendo a partir de novas descobertas que surgirão a partir das fontes que resistiram ao tempo e que permanecem indecifráveis devido à barreira da inteligibilidade linguística.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte

CORTÉS, Hernán. *Cartas de relación*. Prefácio: Manuel Alcalá. México: Editora Porrúa, 2013.

Bibliografia

ARROCHA, Belinda Rodríguez. **A conquista das Ilhas Canárias na literatura castelhana durante o Antigo Regime**. 5º Congresso Internacional ENCLS-Ilhas e continentes: (re)construções da identidade (Funchal), 2013.

BARBA, Francisco Esteve. *Historiografía Indiana*. Gredos, Madrid, 1964.

BASCHET, Jérôme. **A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América**. Tradução Marcelo Rede; prefácio: Jacques Le Goff. São Paulo: Globo, 2006.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BUENO BRAVO, M. Isabel. *La guerra tepaneca: un nuevo orden político*. Boletín americanista, ISSN 0520-4100, nº. 55, 2005, págs. 27-40.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: A história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2002.

DUTRA, Lenise Ribeiro; COELHO, Marcos Antônio Pereira; CAMPOS, Eleonora Teixeira. **“Crônica: nos limites da literatura”**. Em: Anais do XVI CNLF, Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2012, p. 2806-2818.

ELLIOTT, John. **A Conquista Espanhola e a Colonização da América**. In. BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. V.1: América Latina Colonial I. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004. pp. 135-194.

ELLIOTT, John. **A Espanha e a América nos séculos XVI e XVII**. In. BETHELL, Leslie (Org.). *História da América Latina*. V.1: América Latina Colonial I. São Paulo: Edusp; Brasília, DF: Fundação Alexandre Gusmão, 2004. pp. 283-338.

Enciclopédia Barsa Universal. 2. ed. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, v.7, 2010.

ESCALANTE GONZALBO, Pablo. *El Posclásico en Mesoamérica*. In. VELÁSQUEZ GARCIA, Erik. (Et. Al.). *Nueva Historia General de México*. México DF: COLMEX, 2011. pp. 119-168.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Os ossos do Conquistador: uma história da Conquista de México-Tenochtitlan a partir da memória sobre Hernán Cortés**. In: ARAUJO, Rafael; KALIL, Luís Guilherme Assis; SCHURSTER, Karl. (Org.). *Trajetórias americanas: volume 1 (séculos XV-XIX)*. 1ed. Recife: Edupe, 2022, v., p. 53-88.

FOLGER, Robert. *Writing as poaching: interpellation and self-fashioning in colonial relaciones de méritos y servicios*. Leiden; Boston: Brill, 2011.

FRANCO, Jean. *La Malinche: Del don al contrato sexual*. Debate Feminista: Sexualidad, Teoría y Práctica. Año 6, vol. 11, 2005.

GOMES, Lidia B. **O caminho do manuscrito: do papiro à prensa de Gutenberg**. I Encontro Internacional de Estudos Multidisciplinares: “Antiguidade e Medievalidade nos textos” Universidade Estadual do Ceará – Universidade Federal do Ceará Fortaleza (CE), 2011, p. 15-20.

GOMES, Paulo Sérgio de Souza. **Bernal Díaz del Castillo: verdade, mérito, representação e protagonismo na escrita da *Historia verdadera de la conquista de la Nueva España (1551-1569)***. (Dissertação de mestrado) Orientador: Luís Guilherme Assis Kalil. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2025.

GRUNBERG, Bernard. *Hernán Cortés y el asentamiento español en Nueva España (1519-1528)*. In: GRUNBERG, Bernard; MARTINEZ, María Del Carmen Martínez; CABALLOS,

Esteben Mira (Orgs.). *Hernán Cortés: Vida entre dos mundos*. V. 5. Universidad Anáhuac Veracruz, 2021, pp. 55-113.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. tradução: Laís Teles Benoir, São Paulo: Centauro, 2004.

KALIL, Luís Guilherme; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Narrando a Conquista: como a historiografia leu e interpretou os acontecimentos ocorridos no México entre 1519 e 1521**. *História da Historiografia*. v. 12, n. 30, maio-ago, 2019, p. 71-103. DOI 10.15848/hh.v12i30.1464

LEÓN-PORTILLA, Miguel. **A conquista da América Latina vista pelos índios: relatos astecas, maias e incas**. 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 1987.

MALATIAN, Teresa. **Cartas: Narrador, registro e arquivo**. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de (Org.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 195-221.

MARTÍNEZ, José Luis. *Hernán Cortés*. México: FCE, 1990.

MIGNOLO, Walter. **Cartas, Crónicas y Relaciones del Descubrimiento y de la Conquista**. In: MADRIGAL, Íñigo (Org.). *Historia de La Literatura Hispanoamericana (Epoca Colonial)*. Madrid, Espanha: Cátedra, 1982, p. 56-125.

MIRA CABALLOS, Esteban. **Los orígenes de Hernán Cortés: de Extremadura a Cuba (1484-1519)**. In: GRUNBERG, Bernard; MARTINEZ, María Del Carmen Martínez; CABALLOS, Esteben Mira (Orgs.). *Hernán Cortés: Vida entre dos mundos*. V. 5. Universidad Anáhuac Veracruz, 2021, pp. 09-54.

NAVARRO, Alexandre Guida. **Civilizações Pré-Colombianas**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2024.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RESTALL, Matthew. **Cuando Moctezuma conoció a Cortés**. Traducción: José Eduardo Latapi Zapata. México: Editora Taurus, 2019.

RESTALL, Matthew. *Las palabras perdidas de La Malinche: El mito de la comunicación y el fallo comunicativo*. In: *Los siete mitos de la conquista española*. Barcelona: Paidós, 2004, pp. 123-253.

RESTALL, Matthew. **Um punhado de aventureiros: O mito dos homens excepcionais**. In: *Sete mitos da conquista espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. pp. 23-63.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **As conquistas de México-Tenochtitlán e da Nova Espanha: Guerras e alianças entre castelhanos, mexicas e tlaxcaltecas**. *História Unisinos*, Vol. 18 Nº 2, maio/agosto, 2014, p. 218-232.

SANTOS, Eduardo Natalino dos. **Deuses do México Indígena: Estudo Comparativo entre Narrativas Espanholas e Nativas**. São Paulo, Palas Athena, 2002.

SOUSTELLE, Jacques. **A civilização asteca**. Tradução, Maria Júlia Goldwasser. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2002.

SOUZA, Thiago Bastos de. **Comprovar os méritos perante o Conselho de Índias. A petición dos indígenas de Cogua y Nemeza como fiadora da *probanza de servicios* de frei Pedro de Aguado 1569-1575**. *Revista Maracanan*: Rio de Janeiro, PPGH/UERJ, n. 38, p. 1-28, jan.-abr. 2025.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982.